

'.%AeaI%

'.%AeaI%

VISTA COM IINO VIFIRA

PLORACÃO ,O TEM COR

4lwý.m

exigencia...

na decisao da escolha.

No simples gesto de o acender No prazer de o fumar Na alegria de o oferecer!

EXIGÊNCIA, marcando o ritmo no trabalho, na acção e no prazer!

IM Um cigarro completo. Equilibrado. IM Um cigarro totalmente conseguido.

o.

o

1-

SECÇÕES

Nota da Redacção: Seminário

sobre informação

Semana a semana

Visita governamental à província de Tete; Beira: plenário de comités de partido; Significativo improviso do Governador Cangela Mendonça; Fim-de-semana bem aproveitado; Povo dos subúrbios limpa valas de escoamento; Recomeçaram as aulas em todo o país; Pela primeira vez povo verdadeiramente : representado na Câmara Municipal de Lourenço Marques - Novos

Presidentes dos SMAE e SMV; Descolonização em marcha; Destico pretensio irmão de Samora Machel; Membro da Casa Branca em Moçambique; Seminário sobre Jornalismo.

Vimos, Lemos e Ouvimos. Cinema: Uma aventura nas cruzadas; O Justiceiro sem olhos; Um- mule - perigosa; Sexta-feira sangrenta; Lágrimas e suspiros. Livros - Um amigo e ser feliz; Viver não custa. Discos - A nossa música.

Dossier África: Estados-membros da O.U.A. (4)

Durante três dias decorreu em Lourenço Marques o primeiro seminário sobre «Informação e Mudança Política» com a participação de 36 profissionais de Moçambíque e de Portugal.

Este seminário, que terminou na segunda-feira, surgiu dos esforços e vontades do Ministério da Informação, dos profissionais moçambicanos e de alguns profissionais portugueses actualmente de visita a Moçambique e marcou sem ~dúvida alguma, uma etapa importante na reestruturação e organização da informação no nosso país.

Por outro lado, e dentro do espírito dos Acordos de Lusaca este encontro de estudo e reflexão traduziu de facto o inicio da cooperação íntima, entre

trabalhadores de Informação de Portugal e de, Moçambique com vista à resolução de vários problemas e difi-

República Malgaxe; Reino do Lesoto; Líbia; Gâmbia; Alto-Volta; Quénia;

Libéria;

Guiné.

Tempo Desportivo.....

Mais uma vez o papel da imprensa (desportiva);

Exemplos para meditar que o ideal seria praticar; A FIFA projecta auxiliar filia. dos subdesenvolvidos; Casos e acontecimentos; Os lucros do mundial de futebol;

Xadrez.

Palavras Cruzadas

Situação: o futuro passa pela agricultura

Burocracia: cadeia de, papes sufoca energia criadora ... 10

Prestes a ser aprovado em

Lisboa diploma que cria situação de adido para funcio21 nários que regressem.

culdades que são por ora comuns e na redefinição de uma estratégia contra os perigos de um inimigo também comum e que ainda espreitam os dois países e os respectivos processos políticos decorrentes - o imperialismo.

Tendo como temas para discussão «A Identidade na Luta e Cooperação entre Profissionais de Informação de Moçambique e de Portugal»; a «Comunicação para as Massas: Linguagem, Imagem -e Apresentação da Informação»; a «Figura Social do Profissfonal de Informação em Período de Mudança Política» e a «Contribuições para um futuro Ensino do Jornalismo em Moçambique», os tluatro grupos formados para discutir cada um dos temas apontados, elaboraram relatórios de cada sessão e relatórios finais bastante reveladores.

Chile sob a bota fascista

As pedras da terra não têm

cor

Sambizanga: a repressão colonial

Falta de pessoal afecta- a recolha de lixo

Asas de Moçambique poisam

na Tanzânia

PUBLICIDADE REDIGIDA

Exemplo reconfortante. Indústria; de colchões e mobiliário em tempo de trabalho pro17 dutivo

Com a tomada de consciênbia de mútuos problema dentro de uma perspectiva e estudo aprofundado da situação política de ambos os paises, o seminário contribuiu para mais um c7esertar significativo da Imprensa e Rádio Moçambicanas em relação às realidades do país e, paralelamente, à situação portuguesa.

A informação em Moçambique começa a orgafizar-se pois de outra maneira não poderia contribuir decisivamente para a construção do país.

A informação falada e escrita cabem tremendas responsabilidades neste momento, mas todos estamos desde já conscientes de que através da referida

organização e consciencialização de todos os profissionais a tarefa será coroada de êxito.

Avante camaradas da Informação!

VISITA GOVERNAMENTAL A PROVÍNCIA DE TETE

O Alto Comissário da República Portuguesa, Vítor Crespo, o primeiro-ministro Joaquim Chissano, o ministro da

Justiça, Rui Baltasar, e Alberto Chipande, da comissão militar mista, efectuaram uma visita de três dias à província de Tete, durante a qual visitaram as obras de Cabora-Bassa e contactaram autoridades, técnicos e populações.

Na Cabora-Bassa, os visitantes participaram num «briefing» com responsáveis técnicos da barragem, tendo descido à base da construção, local em vias de ser invadido pelas águas que vão formar a albufeira de Cabora-Bassa. Logo aí se verificou um primeiro contacto com trabalhadores da barragem, a quem o primeiro-ministro exortou ao trabalho e ao sentido de responsabilidade.

Esta visita a Cabora - Bassa, que abrangeu outros pontos de interesse da barragem, efectuou-se no passado dia 15 do corrente. No dia seguinte, a comitiva governamental seguiu para a cidade de Tete, onde foi recebida entusiasticamente por uma multidão de indivíduos de todas as raças. Usaram da palavra, nessa ocasião, o governador Carlos do Amaral, o Alto Comissário Vítor Crespo e, por último, Joaquim Chissano, que falou durante duas horas, de cima de um camião e sob um sol abrasador. Afirmou, nomeadamente, em determinado passo:

«Vocês sabem que Cabora Bassa é uma obra que a FRELIMO não queria ver construída naquele tempo quando estávamos na luta armada. Mas agora a guerra acabou. Cabora Bassa poderá hoje ser utilizada no benefício do povo moçambicano.

«Cabora Bassa vai ser incluída nos programas de desenvolvimento de Moçambique e sucederá com a barragem da mesma maneira que com outros projectos, outras indústrias, outros planos agrícolas que foram criados, não no interesse do povo moçambicano mas que nós hoje vamos transformar em seu benefício.

«Vocês sabem que há muitos, aeródromos, muitos campos para aterragem de aviões. Nesta província de Tete há Chingodzi, Estima, Fingoè, Vila Gamito, Furancungo, Mutarara. Estas pistas eram para aterragem de aviões militares. Eram para jactos que nada tinham a ver com o desenvolvimento do povo moçambicano. Há estradas que foram abertas para dar passagem a veículos militares. Não tinham nada a ver com o povo moçambicano. Eram obras de guerra, mas, nós, hoje que estamos em paz, uma paz que atingimos em cooperação e colaboração com o povo português, vamos transformar essas obras militares que ontem eram de opressão, em obras para valorização e desenvolvimento do nosso país.

«Há aldeamentos que foram criados para concentrar as populações a fim de evitar que participassem com a FRELIMO na luta contra o colonialismo. Quando acabou a guerra o Governo Português e as Forças Armadas Portuguesas que compreenderam que a FRELIMO, era contra os aldeamentos durante a luta

armada, tentaram dizer às populações que podiam ir para as suas casas e deixar de viver em campos de concentração. Mas a FRELIMO disse n o.

- «Nós vamos transformar os aldeamontos que eram meios-de opressão em organismos para o bem do Povo moçambicano e para o desenvolvimento da nossa terra.

«O Presidente da FRELIMO, Samora Machel, numa das suas mensagens ao Povo moçambicano já tinha dito que a arma G3, quando estava nas mãos do colonialismo era uma arma opressiva mas quando estava nas mãos da FRELIMO passava a ser uma arma libertadora.

«É dessa forma que nós devemos transformar Cabora Bassa numa barragem de utilidade e desenvolvimento, ao serviço do Povo.

«O Governo Tascista, o Exército, a Força Aérea e a Marinha para oprimir os Povos das Colónias e o Povo português, em Portugal, desde que o Exército português se pôs ao serviço do povo; ,foi utilizado para libertar, o povo português do fascismo.

«Foi com este pensamento, e com esta linha de orientação, que fomos visitar a barragem de Cabora Bassa».

O almirante Vítor Crespo regressou nesse mesmo dia à capital do país, declarando à chegada que a visita a Tete fora «muito frutuosa».

Prosseguindo a viagem, o primeiro-ministro do Governo de Transição, acompanhado pelos outros membros da comitiva, visitou no domingo o Z6buè, onde contactou a população e verificou o clima de paz e trabalho que se vive naquela região fronteiriça. Nessa povoação, oquim Chissano falou também às populações, alertando-as para a necessidade de cumprir as palavras de ordem de unidade, trabalho e vigilância.

A comitiva governamental regressou a Lourenço Matques no domingo.

- «Não estou aqui, camaradas, para receber honras. Antes pelo contrário: estou aqui para dar vênias ao Povo. Para ser escravo do Povo. Para servir o Povo. Para servir as massas. Esta é a característica fundamental do Governo da Frelimo - a de um Governo Popular e Democrático» afirmou o Governador da Beira, Alberto Cangel Mendonça, no decorrer de uma reunião plenária dos vários Comitês do Partido daquela cidade moçambicana, que teve lugar no Auditório-Galeria de Arte e a que assistiu elevado número de militantes da Frelimo.

O Governador Cangel Mendonça fazia-se acompanhar do comandante da Província de Manica e Sofala, Dique Tongande, dos comandantes Francisco Ndeyo e Braga, tendo surgido quando a reunião estava já iniciada, pelo que não quis interromper a sessão, pedindo para que os trabalhos programados prosseguissem. Usou então da palavra o dr. Renê de Assunção, secretário-adjunto do Comité Coordenador da Beira, que, em breve improvisado, sublinhou a alegria que a todos irmanava por a Frelimo ter vencido e ter cumprido a sua promessa.

«Estamos aqui - explicou - para inaugurar um novo sistema de governo. Nós somos o veculo do povo».

IOKA

PLENARIO DE0

DO PARTIDO

- SIGNIFICATIVO IMPROVISO

DO GOVERNADOR CANGELA MENDONÇA

O PODER PARTE DA BASE PARA O TOPO

- Improvise

de Cangela Mendonça

Começando por afirmar estar «francamente satisfeito por estar convosco porque vejo que afinal o povo da Beira não está alheio aos acontecimentos políticos que vivemos, pelo contrário, está atento, vive e sente»,

o governador Cangela Mendonça acrescentou que a presença daqueles camaradas tinha um significado especial para si:

- Tanto eu como os camaradas não estávamos habituados a viver momentos como este - disse, acrescentando que «a luta da Frelimo fora para implantar no seio do País um governo em que todas as pessoas pudessem participar».

Referindo à formação de comités de Partido, o Governador Cangela Mendonça sublinhou que os mesmos são a mola real que fará com que o Povo participe das tarefas do Governo. E adiantou:

«O Governo da Frelimo parte da base para o topo. Trata-se, camaradas, de um processo contrário ao utilizado pelos governos já ultrapassados.

«Aquilo que acontece em governos ditatoriais, - onde o Poder nasce no topo para a base. É um senhor que escreve numa cátedra, que sonha, que escreve, que se inspira em doutrinas umas vezes filosóficas, outras vezes religiosas ou históricas, que escreve, faz uma lei e diz «cumpra-se, como se contém».

«E todo o povo é obrigado a cumprir. Não participou, sequer, na discussão do articulado da matéria; não foi ouvido. Portanto, camaradas, a característica do Governo da Frelimo é justamente a de que o Poder parte da base para o topo. O que quer dizer que o governante, na linguagem da Frelimo, é coordenador. Quer dizer, o Povo estuda os problemas, analisa-os, canaliza-os para o Governo, que coordena as propostas apresentadas.

«Se o Governo, camaradas, recebe propostas do povo, portanto recebe a vontade do povo, para solução de determinados problemas, quando fizer a lei a prever a solução desses problemas tem a consciência tranquila de que está a servir as massas, está a servir o Povo. Tem a consciência tranquila de que é o povo que manda. Tem a consciência tranquila de que é servidor do povo. Não é servido pelo povo».

Prosseguindo, e usando sempre uma linguagem popular, portanto, acessível a todos, Cangela Mendonça, interrompido, em várias ocasiões do seu improviso, por calorosos aplausos, afirmou também:

«Sabemos todos o que quer dizer democracia. Nós aqui devemos reconhecer que temos uma originalidade.

«O que quer dizer que o povo moçambicano, independentemente de conhecer conceitos de governação de outros povos, tem uma forma característica que se adapta à sua maneira de pensar.

«Isto é, camaradas, que devemos governar com base nas concepções originais que caracterizam o nosso povo. Devemos evitar, tanto quanto possível, imitar figuramos importados.

«Figuriosos de governação que, muitas vezes, não se adaptam à maneira de ser, à vontade popular. A experiência dos outros países é necessária para temperar, por vezes, o nosso ritmo na resolução dos problemas».

Depois de ter salientado, mais uma vez, a importância e o significado dos Comités de Partido, - o Governador Cagela Mendonça referiu-se, longamente, ao papel que a cada elemento cabe no que respeita à dinamização e politização das massas, sublinhando também as condições que o membro de comité deve reunir e lembrando a necessidade de recorrer, sempre que se imponha, à crítica e auto-crítica. Mais adiante, o Governador da Beira advertiu:

. «O inimigo pode usar a mesma farda dos soldados da Frelimo; pode utilizar a mesma linguagem. Mas no campo das realidades ele desmascara-se. O militante da Frelimo deve estar vigilante. Tanto no campo da teoria como na prática, temos de traduzir a nossa linha ideológica».

Quanto às palavras de ordem do Partido - Unidade, Trabalho, Vigilância -, Cagela Mendonça deteve-se com particular demora sobre a segunda daquelas palavras de ordem, para salientar bem a necessidade imprescindível do trabalho no sentido de não se parar o desenvolvimento do país «um país riquíssimo» - que possui no solo e sub-solo riquezas por explorar. Ao terminar, Cagela Mendonça apelou para que a actuação de todos fosse o reflexo da maneira de ser do militante da Frelimo na luta contra a violência, o alcoolismo e a prostituição, pedindo que todos continuassem vigilantes contra as manobras do inimigo.

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO

Após o longo e significativo improvisado do Governador da Beira, falou o comandante Provincial de Manica e Sofala, Dique Tongande, que dissertou sobre a formação - e sua importância - dos Comités de Partido, referindo-se ainda ao ideário social e político da Frente de Libertação. Seguiu-se então uma sessão de esclarecimento, dirigida pelo dr. René de Assunção, com um período para perguntas e respostas, durante o qual foram apresentadas dúvidas e sugestões. A reunião foi encerrada pelo Governador Cagela Mendonça, que pediu aos presentes para que «passassem palavra sobre os assuntos ali tratados».

@

SEMANA A SEH PELA PRIMEIRA VEZ POVO VEGOADEIRAMENI NA CAMARA MUNICIPI - NOVOS PRESIDENTES V

Com a presença do respectivo presidente, Alberto Massavanhane, realizou-se há dias a primeira: sessão extraordinária da Câmara Municipal de Lourenço Marques, que contou também com a presença dos vereadores e da Comissão Administrativa recentemente nomeada pelo Governo de Transição. Abrindo a sessão, Alberto Massavanhane referiu o facto de, pela primeira vez, aquela reunião estar verdadeiramente representada pelo Povo, pelo que tal facto podia ser registado de «histórico».

A ordem de trabalhos programada foi iniciada com a «Designação dos presidentes e vogais das comissões administrativas dos Serviços Municipalizados»,

«Distribuição de pelouros», «Apreciação e discussão dos Orçamentos Ordinários para o ano económico de 1975, da Câmara Municipal de Lourenço Marques, dos S.M.A.E. e dos Serviços Municipalizados de Viação» e «Adjudicação do viaduto dos Caminhos de Ferro, sobre o prolongamento da Av. António Enes», tendo o primeiro ponto sido aprovado por unanimidade. No que respeita ao último ponto da agenda - a adjudicação do viaduto dos C. F. M. - a sua resolução ficou adiada para a próxima reunião, pois se constatou pretender-se realizar uma reunião de empreiteiros para fixação de coeficiente a aplicar na correcção de preços de obras de pontes. Como o presidente necessitava de dados específicos sobre o custo total do viaduto, propôs - e foi aprovado - retirar-se o assunto daquela sessão, para um estudo mais detalhado, pelo que o respectivo processo devia ser enviado posteriormente para a Direcção de Urbanização e Obras.

Seguidamente, foram tratados pro

blemas inerentes ao preenchimento de dez lugares vagos no Corpo de Salva, ção Pública, e o de concessão de subsídio anual no valor de 70 contos para a piscina e anexos do Clube Desportivo de Lourenço Marques, tendo .

vereador Raposo Pereira levantado,"

questão seguinte: «se os beneficiados seriam só as crianças até à idade do 15 anos, filhos dos sócios, ou todas a!

-rianças da cidade», não tendo porén ficado nada apurado em definitivo. Sabe-se, por outro lado, que a apresentação do bilhete de estudante permite a entrada de jovens que não são

jam sócios.

ORÇAMENTOS

No prosseguimento da referida sessão extraordinária, foi posta à apreciação da Comissão Administrativa

FIM DE SEMANA BEM APROVEITADO

POVO DOS SUBURBOS LMPA VALAS DE ESCOAMENTO

Aproveitando o último fim de semana, dezenas de residentes dos subúrbios, dirigidos por membros da Câmara Municipal e outras pessoas de vários bairros urbanos da capital do país, de pás e picaretas na mão iniciaram, colectivamente, uma operação de limpeza às valas para escoamento de águas na zona suburbana junto à Avenida do Aeroporto.

Esta proveitosa missão começou logo pela manhã - sete horas - de sábado, ali reunindo dezenas de residentes e também moradores em Lourenço Marques, pois uma mesma finalidade unia os presentes: evitar inundações durante o próximo período das chuvas, com todas as graves e conhecidas consequências.

Paralelamente a esta operação de limpeza, outra decorria noutro ponto dos subúrbios de Lourenço Marques, não muito distante do primeiro mas mais para o interior do bairro, já que as duas valas visadas e limpas têm entre si uma ligação que será proximamente alvo da mesma operação, efectuada também pelos residentes da zona.

Naturalmente, este trabalho prolongar-se-á por vários dias, mais precisamente, aos fins de semana, aproveitando a disponibilidade do maior número de pessoas.

Soubemos, entretanto, que operações semelhantes iriam ser postas em pratica noutros bairros suburbanos de Lourenço Marques, no interesse do próprio povo. Aliás, e tal como afirmou um militante do P.A.I.G.C. que colaborava nesta operação de limpeza, «o povo trabalha aqui para o seu próprio bem-'estar». Quanto ao material utilizado, e segundo afirmação de um elemento anónimo do Povo, «é tudo material- do Povo, para o Povo trabalhar».

A propósito, não resistimos à tentação de sugerir que muitos daqueles jovens que por ai andam sem nada de útil para fazer, entregando-se ao Jogo e à bebida- ou a outras coisas piores ainda -, bem podiam set aproveitados para estas operações, contribuindo, deste modo, para o seu próprio bem-estar, pois também eles são o Povo.

RECOMECARAM AS AULAS EM TODO O PAIS

1 Tiveram início em todo o País as aulas do ensino secundário e cursos médios, estes últimos a funcionar em Lourenço Marques e na Beira.

Saliente-se que o número de alunos não é inferior ao do último ano, por um lado, e, por outro, não se nota uma acentuada falta de professores, uma vez que o Governo de Transição não deixou de tomar as devidas medidas. para fazer face a este problema. Alunos universitários substituem os professores em falta, garantindo, assim, a escolarização que neste momento é da maior importância.

Porflfe é a educação que há-de consolidar a Revolução Moçambicana, este (re)início de aulas toma aspectos verdadeiramente 'significativos, até por caber à juventude, sem distinção de raças, a transcendente missão de manter e prolongar os caminhos da liberdade ora abertos ao Povo Moçambicano.

E ,REPRESENTADO

DE.1 MARQUES

i5 S.M.A.E. E, S.M.V.

projecto de orçamento ordinário da Câmara Municipal, que reunid as despesas e receitas totais previstas nos orçamentos privativos dos S.M.A.E. e S.M.V..

Quanto à tabela de receitas, encontrava-se devidamente equilibrada, somando a importância de 831 825 125\$50; porém, os Serviços Municipalizados de Viação apresentaram substanciais aumentos, enquanto a Câmara apresentou apenas um aumento de 9 582 contos. De sublinhar, neste projecto de orçamentos, cerca de 15 mil contos justificados na previsão da taxa de remoção de lixo.

A verba foi reduzida, para o que contribuiu enorme a taxa de venda de terrenos, que passou a ser de cinco mil contos, ao contrário dos 20 mil contos anteriormente estipulados. Esta redução fica-sedevendo à falta de terrenos valiosos que a Câmara possuía e também à presente situação econó.

mica. Contudo, a referida verba de cinco mil contos parece um tanto duvidosa, a não ser que as entidades bancárias estejam ainda interessadas na compra do terreno situado junto à

Avenida Álvares Cabral,

NOMEAÇÕES

Os Serviços Municipalizados de Água e Electricidade e os Serviços Municipalizados de Viação têm novos presidentes, nas pessoas, respectivamente, de Bernardo José Ribeiro e Moisés Rafael Massinga. Para vogais e vogais suplentes daqueles dois serviços foram a da - nomeados, pelo presidente da Câmara, António Augusto Filipe, Jaime Mutonga, Filipe Mussongue Junio.

eng. Mário Morais, Gabriel Calist Massavela e eng. Homero da Costa Branco.

1 Para outros palouros, foram as seguintes as nomeações feitas: Maria de Lourdes Jorge" Ferreira Torcato e Amélia Narciso Matosi Sumbana (Cultura, Assistência e Obras Sociais, Jar.

dins, Parques e Arborização, Desportos, Comemorações e Festas da Cidade); Jaime Fenias Tembe (Construção Particular e Arruamentos); José de Pinho Morgado (Abastecimento Geral, Matadouro e Mercados); Casimiro Albino Manhique, Júlio Navelane Sigauque e Carlos Raposo Pereira (Salubridade Geral, Cemitérios, Trânsito e Estacionamento e Transportes Públicos); Moisés Rafael Massinga (Turismo, Praias e Campismo) e, Nuno Caliano da Silva (Corpo de Salvação Pública).

Simão Ananias Bila, de 43 anos, natural de João Belo, foi detido pelas autoridades, no passado 'dia 17, nos jardins de um hotel de Lourenço Marques. Simão Bila, servindo-se da sua semelhança física com Samora Machel, fazia-se passar por irmão do Presidente da Frelimo entre os militantes da Frente na capital, e assim conseguira extorquir-lhes cerca de vinte contos até ao momento em que se tornara suspeito e

O Gabinete de Urbanização e Habitação da Região de Lourenço Marques e a Junta dos Bairros e Casas Populares vão deixar de existir, passando parte do Gabinete para a Câmara Municipal e outra para o Serviço Nacional de Habitação - organismo a criar -enquanto os bens da Junta serão devolvidos aos municípios correspondentes.

Estas importantes alterações enquadram-se no despacho do Ministro da Administração Interna, de acordo com o prosseguimento da, política de descolonização.

Para o cumprimento do referido despacho, foram nomeadas duas comissões compostas por elementos da vereação da Câmara Municipal de Lourenço Marques e dos departamentos a serem dissolvidos, que estudarão o problema, propondo, posteriormente, medidas conducentes à sua solução. Aquelas comissões são assim constituídas:

PRETENSO IRMAO

DE

SAMORA MACHEL

desaparecera durante algum tempo, tentando debalde escapar à justiça. Simão Bila, que residira alguns anos na África do Sul, seria também responsável pelo contrabando de uma barra de ouro que vendeu em Lourenço Marques e presumível culpado de outros delitos de escroqueria.,

a

Para estudo do problema do Gabinete,:

Elementos da Câmara -Municipal de Lourenço Marques- Alberto Massavanhape, Joaquim J. Tenreiro de Almeida, Amélia Sumbana e Carlos Raposo Pereira; elementos do Gabinete de Urbanização e Habitação -Maria Assunção Paixão, José Manuel Vasconcelos, Fernando Fernandes, Cardoso de Almeida e Jaime Mutongue.

Para estudo da situação da Junta dos Bairros:

Elementos da Câmara Municipal de Lourenço Marques- Adelino Ribeiro e Fernando Resende; elementos da Junta dos Bairros e Casas Populares- Henrique A. de Jesus Coelho, Estéfania Virgínia Felisberta Machatine e Augusto Vaz.

DESCOLONIZACAO EM MARCHA

GABINETE DE URBANIZACAO E JUNTA DOS BAIRROS SUBSTITUIDOS POR SERVICO NACIONAL DE HABITACÃO

SEMANA A SEMANA

SEMINARIO SOBRE JORNALISMO

Do dia 16 de Novembro ao dia 18 realizou-se na Sociedade de Estudos em Lourenço Marques um Seminário sobre Jornalismo no qual participaram dezenas de jornalistas moçambicanos e três jornalistas portugueses. Durante três dias, em sessões de trabalho de manhã e -à tarde, os vários grupos de trabalho (4) discutiram os temas propostos podendo o resultado final do Seminário' ser considerado altamente positivo.

Da autocritica à crítica construtiva os profissionais da Imprensa e da Rádio traçaram os erros cometidos num passado recente, fizeram propostas para a criação de uma escola de jornalismo e para a efectivação de uma colaboração prática com a Imprensa e Rádio portuguesas, definiram qual deve ser a actuação da Informação num período tão delicado como é esta transição política que se vive em Moçambique; enfim, pela primeira vez, todos permutaram ideias que se espera virem a ser traduzidas por uma real melhoria da Informação moçambicana.

O camarada Primeiro Ministro, Joaquim Chissano, presidiu à sessão de encerramento dando, com a sua presença, a demonstração da importância que aquele acontecimento teve. Os resultados obtidos serão tornados públicos oportunamente antes ou depois de serem editados pela Imprensa Nacional.

e

MEMBRO

DA CASA BRANCA

Encontra-se presentemente em Lourenço Marques, Donald B. Easum, Subsecretário de Estado norte-americano para os 'Assuntos Africanos. Donald Easum, que chegou de Mbabane, após uma visita à Suazilândia, permanecerá em Moçambique até ao próximo dia 21, efectuando contactos com o Alto-Comissário, Vítor Crespo e com elementos do Governo de Transição. Esta viagem, com a duração de seis semanas, engloba visitas a dez países africanos, tendo sido iniciada no Zaire e terminará em Angola.

DIA INTERNACIONAL DO -ESTUDANTE COMEMORAHO EM TODO O PAIS

A necessidade de engajamento de todo o Povo Moçambicano na Educação como unidade operativa no combate ao analfabetismo, principal inibidor da iniciativa do' nosso povo, o desenvolvimento do estudo colectivo e a importância de pôr fim aos preconceitos divisionistas que separam os estudantes dos diversos graus de ensino na luta contra o espírito individualista, competitivo e elitista foram, em forma crítica é autocritica, os principais temas nas diversas comemorações realizadas em diversos pontos do País do 17 de Novembro, «Dia Internacional do Estudante».

Em Lourenço Marques o encontro, que se realizou no Liceu António Enes, contou com a presença de numerosos estudantes, educadores e do Ministro Gideon Ndohe, que discutiu em diálogo todos os pontos referidos, destacou- a necessidade de fazer do Ensino «uma batalha ao serviço do povo, de levarmos a Revolução às Escolas» e nos alertou para o facto de haver ainda nas Esc- las «fascistas, oportunistas e preguiçosOS».

Na Beira, o Dia Internacional do Estudante foi comemorado no Auditório Galeria de Arte, onde além de numerosas intervenções de, estudantes procurando definir o papel do estudante na Revolução e na luta contra o obscurantismo,- interveio o Governador da Província, Alberto Cangela Mendonça que analisou- a necessidade de intercâmbio de experiências entre os professores e alunos e vincou a importância do papel do estudante nas tarefas de Reconstrução Nacional, terminando por defini-lo como «um companheiro da luta contra ~a ignorância, um dos inimigos mais sérios do povo moçambicano». A terminar este encontro foi projectado o filme sobre a FRELIMO «A luta continua», que foi comentado por Dique Tongane, Comandante da Frente de Libertação de Moçambique para a Província da Beira.

Também em Quelimane, e enquadrado na mesma comemoração, se realizou um convívio entre pais, professores e alunos. Dentro do mesmo espírito critic e autocrítico foram analisadas as necessidades de definir correctamente as relações entre todos os elementos de uma escola- nomeadamente funcionários, professores e alunos- e consciencializar os estudantes que estão a trabalhar na escola para servir o povo. Esteve presente ao convívio o Governador da Zambézia, Bonifácio Gruveta Massamba que sobre os deveres do estudante na nova sociedade, afirmando que «se não -deviam consentir parasitas que além de gastar o dinheiro dos pais, gastavam dinheiro do povo, seus professores, camaradas e companheiros, impedindo com a sua actividade negativa o progresso do País, que todos devemos construir».

!ves
DE.IRS
MILHÕES
DE CONTOS
DE DEPOSITOS
Num e comum

com ma.se ce mil depositantes
o Montepio de Moçambique promove o desenvolvimento eo bem estar social do povo.

Capital moçambicano

para todos os moçambicanos

DEPOSITE NA CAIXA ECONOMICA DO MONTEPIO

..... 1

PÁGINA 8

,UMA AVENTURA NAS CRUZADAS»

- D. Quixote à italiana

mas sempre universal

Inegavelmente influenciado por D. Quixote - e, nas Ar- > tes, quem o não está? -, Maro Monicelli realizou com raro brilhantismo esta «Aventura nas Cruzadas»», onde o seu herói, Brancaleone, se assemelha profundamente com o herói de Cervantes.

A sátira e o humor -negro de mãos dadas. E não só para fazer rir. Pelo contrário.. Antes ou depois do riso, melhor, da gargalhada, que é «pedida» ao -espectador, está sempre inelutável, a crítica, impiedosa -- e tanto mais impiedosa por decorrer exatamente da sátira! -, o retrato implacável da alma dos homens de todos os tempos e de todas as latitudes. Da alma e naturalmente, do corpo, cuja vastidão ý (entenda-se: complexidade) é idêntica à Fé e ao Mar.

Inolvidável e terrivelmente belo o encontro de Brancaleone com a Morte que, só por si, demonstra à evidência o talento de Monicelli e o interesse desta aventura que, decorrendo embora nas Cruzadas, bem podia enquadrar-se nos dias que correm, com aquela insólita, singular e fascinante galeria de personagens que facilmente encont r a m o s na «aventura» do Quotidiano, embora vestidas de outra maneira...

«n JUSTICEIRO SEM OLHOS»

- Um «western»

diferente... e caro!

Antes de mais: a exigência dos distribuidores de aumento do preço dos bilhetes40\$00 balcão, 35\$00 plateianão se justifica'de maneira nenhuma, por duas razões: a primeira é que o filme, embora agradável, é vulgarissimo de lineu, mesmo tratando-se, como é o caso, de um «western» algo diferente; e a segunda é que o filme foi realizado em «Panavision» mas nós vimo-lo apenas em «Cinemascópio»....

Saliente-se. a interpretação de Tony Anthony, o «cego», que é ainda o argumentista-produtor desta película que se vê bem mas que não justifica, repita-se, o referido acréscimo no preço dos bilhetes.

«UMA MULHER PERIGOSA»

uma saborosa

comédia mundana

O fulcro da fita é aquela deliciosa velha arquimilionária (Françoise Rosay) e a sua fabulosa fortuna, avidamente cobiçada pelo «chauffeur» que encontrará acidentalmente «uma mulher perigosa» para o coadjuvar nos seus intentos.

Com peripécias bem achadas, boas interpretações, este filme de Jean Delanoy não tem outra pretensão além daquela para que foi feito: divertir, entreter e apontar algumas particularidades do «eterno feminino». E conseguiu-o francamente, «SEXTA-FEIRA SANGRENTA»

-- outro «barrete»
alemão!

Goethe, se vivo- fosse, havia de deplorar sinceramente a mediocridade do cinema alemão! De facto, os alemães, que nos têm dado génios ímpares; parece não terem ainda atinado com as funções do cinema, num tempo em que ele é um dos mais importantes veículos de formação, e informação. E de denúncia também.

É verdade que pouco ou nada conhecemos da actual filmografia germânica, mas, pe-

«LAGRIMAS E SUSPIROS»

- Uma maravilha!

Não sabemos yté que ponto o público - refiro-me, naturalmente, à que o público medianamente culto, politizado, «comprometido» com a sua própria sociedade - está preparado para assimilar o singular mundo bergmaniano. Em termos de sociedade local, de público lourençomar quino, parece-me bem que só um número muito restrito de pessoas terá compreendido e «entrado» nesse mesmo mundo, ora extremamente estranho, ora extremamente simples, ora com qualquer coisa de dantesco, ora com qualquer coisa de profundamente belo.

Antes de mais: Bergman é um apaixonado pela alma feminina, pelo que não hesita em despi-la até ao despudor. «Lágrimas e Suspiros» vem, mais uma vez, comprovar esta tese. Uma história terrivelmente simples redonda num filme extranhamente belo. Quatro mulheres, três irmãs e uma criança - aquela Ana que é todo o filme, melhor, que talvez represente todo o «pensamento» bergmaniano numa bela casa, situada numa paisagem de sonho mas onde se pode detectar sempre uma subtil angústia (a irremediável angústia bergmaniana), a mais velha das três irmãs gravemente enferma, prestes a morrer, as outras duas vivendo num mundo distinto, e distante (entre si), cada uma das três com os seus fantasmas e as suas recordações, as suas culpas e as suas contrições, e finalmente Ana, a criada, que não anda mas levita, não obstante a sua quase obesidade (onde se sente uma inexplicável ternura!), que não fala mas cicia, que não olha mas tres-
lo que nos tem sido dado ver, e se nos alhearmos das excepções (re)conhecidas, e la continua extraordinariamente inferior.

Depois de «Vivendo e Amando» - ainda em cartaz! - surge-nos uma «Sexta-Feira Sangrenta» recheada de tais exageros e erros que torna este filme num dos piores de 1974.

E não fora o caso de o filme ser baseado num caso verificado, não merecia, sequer, esta breve referência.

passa, elo de ligação daquelas três mulheres que conhece até ao mais fundo de si mesmas não só criada mas simultaneamente «Mãe» e cQnfidente. E qualquer coisa mais.

É entre estas quatro personagens, e o Tempo (dai os relógios, as horas, não só no início do filme mas ao longo dele), que decorrerá a acção «Lágrimas e Suspiros»,

talvez o mais belo dos filmes de Ingmar Bergman, e talvez mesmo o mais profundo, isto é, o mais autenticamente bergmaniano. Praticamente sem «exteriores», quase sempre em «close-up» (e que notáveis as interpretações das quatro mulheres!) naturalmente para salientar o «bistrionismo psicológico» que Bergman conseguiu encontrar, reter e «descrever» numa forma genial, «Lágrimas e Suspiros», com uma fotografia e um colorido admiráveis, fala-nos da Vida e da Morte com uma incomparável isenção, em imagens que, por vezes, lembram irresistivelmente os quadros de Boticelli (o salão, as roupas, e sobretudo os contactos Ana-Agnes, especialmente aquele último e derradeiro, após a morte de Agnés, com Ana semidespida e a morte deitada ternamente no seu colo obeso, qual criança adormecida depois de longa, serena e docemente embalada, o que retira, à morte de Agnes, ou até à própria Morte em si mesma, toda a sinistra fealdade!).

É numa atmosfera de ansiedade, de culpa, de (quase) incesto, sáfica por vezes mas sempre extremamente digna e pura, repleta de lágrimas e suspiros e por isso mesmo transbordante de vida, que Bergman pôde exprimir a sua visão da "alma feminina, dissecando-a com o mesmo desesperado encantamento com que um cirurgião, bisturi em punho, se debruça para um corpo, sabendo de antemão não apenas a doença que vai

enfrentar e combater mas simultaneamente a forma como há-de curá-la!

Pode e m-alguns «insultar» Bergman chamando-lhe «intelectual de burgueses». Todavia, nem por isso ele é menos genial ou menos implacável. Pelo contrário. Disse Aristóteles que «é através da Dúvida que se atinge a Verdade». Pois bem, «O Rosto» foi para Bergman a sua Dú-ya vida. «Lágrimas e Suspiros» é a sua Verdade.

R. C.

VIMOS

OUVIMOS

E LEMOS

Va, é sempre o seu desespero e a sua solidão que nos oprimem e nos fascinam, é sempre o seu saudosismo por um passado (ou um futuro?) que recorda constantemente que nos confrange, é sempre a sua angústia que nos desnorteia e simultâneamente nos faz «seguir-la» quase apaixonadamente, é tudo isso que nos

*faz ler esta escritora mun.

dana mas não só. Ao longo do livro, aparecem capítulos que pretendem ser um «ensaio» sobre a visão do mundo de Françoise Sagan, e onde ela, com aquele desassombro (desesperado) que a tornou conhecida, se despe e despe um sem número de pessoas, coisas, objectos e sentimentos, alternando tudo isso com as desgraçadas aventuras dos dois desgraçados irmãos, que, coisa singular, mais nos parece um acidente, na paisagem do romance onde, afinal, o que conta, o que importa e o que tem impacto é o «pessoalismo» desta escritora desesperadamente abraçada a si própria mas ao mesmo tempo extremamente lúcida e raivosamente «viva» na sua sede de viver até à exaustão - com a mesma velocidade dos seus «Ferraris» - e

contudo antecipada e dramaticamente consciente dá impossibilidade do seu (re)encontro total com a vida.

R. C.,

<UM AMIGO> E «SER FELIZ»

A partir de um texto do sueco Leif Kristiansson, publicou a editorial Presença, dois livros para crianças em versão livre portuguesa de Sophia de Mello Breyner Anderson.

A criança que tão pouca atenção tem merecido às casas editoras portuguesas, numa escolha criteriosa e seleccionada de textos, ganha desta vez com a cintilante clareza e beleza do texto que Sophia de Mello Breyner verteu para português.

Raras

Surgida há dez anos com um «best-seller» que rapidamente a «consagrou», o célebre «Bom - dia Tristeza», Françoise Sagan, desde logo apelidada de escritora-escandalosa, por uns, de mexeriqueira, por outros, e de precoce por outros ainda, evidenciou, de pronto, um invulgar e desassombrado poder de análise da (alta.) sociedade parisiense em que vive e que soube assimilar nas suas mais pequenas particularidades (e perversidades também).

O seu último «romance-ensaio», como a autora lhe chama, «Viver não Custa», vezes, em livros infantis é possível dominar a simplicidade, o sonho, a ternura sem o rebuscado ofuscante de tantas edições de autores de nome, mas sem a percepção

absoluta de como é simples e claro o mundo da criança.

Os livros editados são ilustrados por Dick Stenberg acompanhando o texto, acrescentando a imaginação, permitindo alargar as insuspeitadas possibilidades criadoras da criança.

(Oferta dos editores

através dos distribuidores

em Lourenço Marques:

Livraria Universal Av. Manuel de Arraga, 1882)

1R.C.

leva-nos de novo ao mundo saganiano, através da via-sacra de Éleonore e seu irmão Sebastien, dois indivíduos extremamente mediocres, extremamente vazios, ou melhor, excessivamente cheios de mediocridade, vazio e oportunismo.

Todavia, para lá da harrativa das tristíssimas mundanices dos dois personagens, para além da visão sagaz e brutal de toda uma sociedade corroída e corrompida, para lá mesmo. do esfuziante sarcasmo raiando por vezes um estranho humor negro, é sempre Françoise Sagan que está presente e vi-

A NOSSA MÚSICA

-Breve análise

Moçambique reúne todas as condições para o desenvolvimento de uma música popular com real valor artístico. Em Lourenço Marques, porque existe desde há muito uma certa actividade artística musical, nota-se um crescente número de cantores de cariz popular o mais destacado dos quais será, na nossa opinião, Gabriel Chihau porquanto não só pelos temas que versa mas também-pela simplicidade e pelo ritmo, impõe-se de facto ao gosto popular. Peca simplesmente pela ausência de politização que o levou a gravar à pressa umas canções

revolucionárias de uma qualidade artística e de conteúdo que deixa muito a desejar. Os defeitos de uma administração colonial reflectem-se em todas as actividades sociais e com agudeza especial no campo artístico. A criação em Lourenço Marques de condições rudimentares para a prática da arte musical popular, existência de uma burguesia pronta a consumir o «folclore» de palco, a protecção dada a alguns cultores e a enorme fitoteca da «Voz de Moçambique», criaram um desnível mais do que profundo entre esta cidade e os demais centros urbanos do país. Em matéria de música popular, Moçambique limita-se ao pouco que está feito na sua actual canital estando a grande maioria da população a consumir música imortada do Congo, Zaire, Tanzânia, Quénia, etc., o que nem está mal porquanto desenvolve um intercâmbio, se bem que unilateral por enquanto. No resto do país existe verdadeiro folclore, isento de influências comercializantes como sucede em Lourenço Marques. Esse folclore deve ser estudado e aproveitado. Os nossos cantores devem mergulhar nele para aí se inspirarem numa música verdadeiramente popular e a nível nacional a ver se podemos fugir à moderação e à nacionalização do «Solo» como já vem sucedendo através da mais jovem geração artística do país ou, para sermos mais exactos, de Lourenço Marques.

A. M.

«VIVER NÃO CUSTA»

- Uma Sagan mais sagaz...

PAGINA 11

DE PAPEIS

1 CRIADORA

A palavra burocracia está na boca de toda a gente. Em Moçambique milhares de pessoas insurgem-se diariamente contra ela. Mas afinal o que é a burocracia? O que é que a faz sobreviver e expandir?

A burocracia não é só a cadeia de papéis que prendem quotidianamente o cidadão. A burocracia não é apenas o maquinismo legal que permite este elo infernal ligando homens a selos e licenças, a impressos e boletins. A burocracia não é simplesmente o funcionário público-manga de alpaca- ao mesmo tempo executor e vítima desse sistema impeditivo do progresso popular.

A burocracia é realmente mais qualquer coisa.

É- um perigo para qualquer Estado progressista sobretudo se os seus dirigentes não se servirem dela apenas, repetimos, apenas para dar uma certa ordem legal à estrutura, pois de contrário a burocracia estratifica a dinâmica social, sufoca e cristaliza a energia criadora tanto dos cidadãos como dos próprios funcionários do país.

Em suma: a burocracia pode congelar a revolução.

- Como vamos combater este mal necessário?

- Concretamente em Moçambique, como iremos. Naturalmente, desburocratizar o sistema, até agora tão compartimentado, tão hierarquizado, que acabamos de herdar?

Encontrei-o esbaforido, transtornado e com um monte de papéis na mão. Tinha estado horas de pé e ao sol numa bicha para tirar uma certidão. Quando entregara o impresso, o funcionário dissera-lhe que faltavam selos. No impresso nada constava sobre isso. No dia anterior já lá tinha estado durante o mesmo período de tempo e quando se encontrava quase a ser atendido o guiché fechara.

Aqueles serviços só atendiam pessoas da parte da manhã.

Olhei - o sem dizer nada." Que podia eu dizer? Naquele momento ele oferecia verdadeiramente a imagem de um homem esmagado pela burocracia.

Se este indivíduo tentasse lutar pessoalmente contra essa máquina enorme acabaria infalivelmente vencido. Se quisesse combater legalmente contra a negligência do funcionário ou atraso na entrega de um documento, teria de preencher tantos e tão onerosos papéis que acabaria pensando ser mais razoável deixar-se ficar quieto.

Mas isto tudo será motivo para deixarmos de lutar? Vamos deixar que os papéis nos subjuguem? De maneira alguma! Este trabalho é uma prova do contrário. Relativamente à esta reportagem e ao caso específico de Moçambique não iremos desencadear uma luta política profunda contra a burocracia, nas t ntar mostrar, breve e sucintamente, como poderemos simplificar o actual processo burocrático, mostrar com alguns factos concretos por que razão se perde tanto tempo e dinheiro (o cidadão diz (e lho roubam) quando se poderia economizar uma e outra coisa.

Já se pensou quantos milhares de horas de produtividade se perdem em todo o país por causa da burocracia? Quantos milhares de contos se gastam para servir um sistema burocrático ultrapassado?

Vamos por outro lado mostrar que somente agora, com a -formação de comités políticos nos diversos serviços públicos, se p o d e r á encarar frontalmente o problema e começar a resolvê-lo ao nível do próprio funcionário.

-O cidadão já pensou quantos milhares de horas de produtividade se perdem por dia em todo o nosso país por causa da burocracia?

- Já pensou quantos milhares e milhares de contos se perdem por mês a servir um sistema burocrático completamente ultrapassado, que dá mais despesa ao Estado do que rendimento?

O bom cidadão diz que é o mau funcionário o principal arquitecto da burocracia e da negligência nos serviços estatais.

O bom funcionário diz que é o público que tem falta de civismo e é exigente de mais, pois desconhece as dificuldades de pessoal e meios de que carecem os Serviços.

Há também o inverso destas acusações.

Mas fundamentalmente há uma estrutura e mentalidade de trabalho público completamente caduca.

Regulamentos de trabalho para os funcionários dos diversos Serviços Estatais de Moçambique feitos no princípio do século ainda estão em execução.

Métodos e sistemas para simples localidades e vilas, continuam exactamente os mesmos para cidades, com mais de meio milhão de habitantes.

Para além disto toda uma cadeia de papéis a preencher e a apresentar, a maior parte dos quais perfeitamente dispensável

É por este assunto que vamos começar.

A DISPARIDADE E INCOERÊNCIA DA DUPLA

11) ENTIDADE

O problema da múltipla identificação para o mesmo indivíduo é um manifesto e flagrante exemplo da anti-simplificação em que 'vivemos.

Vejam.

Todos nós sabemos a quantidade de impressos, documentos, testemunhos e dinheiro que são necessários para o Bilhete de Identidade. Todos nós sabemos que mesmo para se renovar um B.I. caducado o 'Arquivo de Identificação não se satisfaz com o número do anterior, exige para renovação uma nova cédula pessoal (certidão de identidade).

Mas, adiante.

O B.I. tem por função informar qualquer autoridade ou repartição do nome do portador, da naturalidade, da data do nascimento, estado civil residência, cor dos olhos, sinais particulares, do desenho da sua impressão digital e da aparência das suas feições.

Por isso mesmo o Arquivo de Identificação Civil não passa o R.I. de ânimo leve.

O B.I. existe e é feito de tal maneira para evitar qualquer tentativa de fraude.

Sendo assim duas perguntas surgem imediatamente:

- Por que razão em certos serviços públicos se obriga a apresentar o B.I.

juntamente com uma certidão de nascimento?

- Quantos arquivos de identificação serão precisos?

Verifiquemos esta questão com exemplos concretos.

Um aluno externo para ser admitido a exame no ensino liceal tem de apresentar, para além dos impressos respectivos, uma certidão de nascimento e o Bilhete de Identidade.

No caso da celebração do contrato matrimonial cada um dos nubentes tem de apresentar juntamente com o B.I, a certidão de nascimento narrativa completa e mais o atestado de residência.

Como se vê há aqui uma duplicidade de identificações desnecessária, uma vez que o B.I. é o documento individual.

Por que razão então se perde tanto tempo e dinheiro, a tirar certidões completamente supérfluas?

CONCURSOS

PÚBLICOS:

OUTRO DESASTRE BUROCRÁTICO

o leitor já tentou inscrever-se em qualquer Concurso Público para efeitos de emprego?

Já reparou na lista sem fim dos documentos que lhe são pedidos?

Repare no caso que a seguir o elucida sobre o que é verdadeiramente um concurso público, perdão, uma trapalhada pública.

Não há muito tempo, num concurso para mecânicos para determinada câmara municipal moçambicana, o edital exigia nada menos do que dez documentos..

Sem já nos referirmos ao B.L. e à certidão de nascimento - imprescindíveis (?) - o edital para o concurso fazia saber que o candidato devia fazer acompanhar o seu pedido de admissão com uma certidão de habilitações literárias, atestado de bom comportamento moral e civil, documento comprovativo de haver satisfeito a Lei do Serviço Militar, a declaração a que se refere o Decreto-Lei n.º 27003, declaração a que se refere a Lei n.º 1901, certificado de registo criminal, mapa da Junta de Saúde, certificado de vacina contra a varíola, atestado de vacina antitetânica.

No entanto, no que dizia respeito propriamente ao concurso, o edital não exigia nenhum documento a comprovar que o indivíduo tivesse sido alguma vez mecânico na vida.

Os moldes com que os concursos públicos para os serviços de Estado são feitos representam toda uma engrenagem colonialista repressiva e impeditiva para o acesso do povo a determinados lugares.

Os concursos apenas têm favorecido o alastramento das conhecidas «cunhas», as fraudes nos exames e entre os examinadores, que originam a entrada de ineptos para o Estado.

Milhares de processos denunciando este sistema corrupto atestam esta nossa informação.

Para admissão de um mecânico através de um concurso público que mais documentos seriam precisos para além de um B.I. e uma certidão de habilitações literárias ou profissionais?

Em poucas linhas fica aqui demonstrado como a burocracia pode servir uma determinada política.

Os comités existentes nos diversos Serviços Públicos têm aqui um campo concreto de actuação.

E NA INDÚSTRIA?

Se para um simples concurso público se exige a documentação acima referida imaginem o que não será necessário para um cidadão investir as suas economias numa indústria qualquer. Ou o indivíduo em questão tem o estômago muito duro ou acaba com úlceras crónicas.

PAGINA 14

Há no funcionalismo público uma estrutura de trabalho e de mentalidade completamente caduca. O funcionário tem de superar internamente as grandes contradições. A revolução antiburocrática terá de partir de dentro das repartições com o trabalho dos comités políticos.

Durante meses e meses terá de correr de guichê para guichê, dos bancos para os serviços de Economia, da Inspeção de Crédito para o Governo, e haverá sempre papéis que faltam, papéis que se perdem.

Sobre os papéis e contra-papéis que tem de preencher, pagar e rasgar, o futuro industrial terá ainda que contar com uma despesa extra

- um depósito graide em dinheiro na repartição de indústria para que o seu projecto vá avante.

Mas quando tudo parece estar resolvido com as máquinas ou a mercadoria importada no cais para o desembarque, novamente a porca torce o rabo.

Na Alfândega, o industrial terá de apresentar o confieimento do embarque, a factura do fornecedor, a lh-enra de inmortação - constituída 'p'los impressos estatísticos e bolptins de contribuição industrial - tudo com a enumeração de quantitativos, qualitativos, valores totais e parciais.

Todos estes papéis andarão de mão em mão, dentro das Alfândegas e do porto, ocupando a atenção de um bom número de funcionários. Só depois é que o industrial obterá a autorização para levantar a mercadoria.

MAS QUE SE PASSA NAS REPARTIÇÕES PÚBLICAS?

É nas Repartições do Estado, mais directamente em contacto com o público, que naturalmente os atritos ocorrem com mais frequência entre os funcionários e os cidadãos.

Do lado de fora da divisória bichas enormes de 'gente serpenteiam até à rua e ao longo destR, Dentro da sec-

ção não é raro ver-se um único funcionário a atender ao público no guiché, enquanto outros calmamente sentados de esferográfica pousada esperam que o respectivo trabalho lhes caia na mesa.

Embora este último facto peque 'por excesso, notaremos que tanto na Conservatória do Registo Criminal, no Arquivo de Identificação, assim como nos Serviços de Finanças (impostos e pagamentos), por m a i s funcionários que fossem admitidos o público continuaria a ser mal servido.

-E porquê?

Toda a estrutura e regulamentos de trabalho são anacrónicos e estão ultrapassados.

Por outro lado as Repartições centralizam demasiadamente o serviço público. Os próprios chefes de serviço com quem contactámos afirmaram-nos o mesmo. A propósito, e no que respeita por exemplo à Cbnservatória do Registo Civil um senhor idoso que encontramos numa enorme bicha de nome Guilherme dos Santos Silva foi peremptório ao dizer:

-Hd realmente p o u e o s funciondrios para tanta gente mas porque nao se faz uma conservatória próximo de cada Junta de Bairro que existe?

Em todas as principais cidades moçambicanas os Serviços Públicos estão concentrados nos chamados Palácios das Repartições. A prática demonstra a ineficácia do sistema. As repartições deviam ser logo de inicio descentralizadas de maneira a cobrirem, eficazmente, os centros de grande concentração humana.

Independentemente disso os próprios funcionários, orga-nizados nos respectivos comités terão de começar a auscultar desde já a opinião pública a fim de melhorar o seu serviço, para que até os próprios analfabetos possam rapidamente ser atendidos e compreender o que lhes é solicitado.

-Por que razão é que a maior parte das pessoas tem de ir mais do uma vez a mesma repartição por causa do preenchimento do mesml o documento?

O funcionário não poderá p e n s a r eternamente que é «burrice» do público.

Alguma coisa está mal. O serviço de informação, não informa convenientemente. Os próprios impressos são feitos de tal maneira que complicam a vida a qualquer cidadão de boa vontade. Por exemplo: nos impressos respeitantes a estatísticas, do comércio ou indústria, as solicitações ão de tal maneira técnicas e o vocabulário tão inacessível que se acaba por sair tudo errado.

Outro exemplo concreto é sobre o pequeno impresso que a Conservatória do Registo Civil distribui às pessoas que pretendem diversas certidões. A única indicação concreta que trata numa alínea é relativa à espécie de certidão. No entanto, quando o indivíduo depois de preencher, vai entregá-lo o funcionário, etc., diz-lhe que falta determinado selo para juntar ao requerimento e ainda uma determinada quantia em dinheiro. Porque não estará já isso patente no impresso?

Centenas de outros pormenores, «à priori» sem importância, complicam ainda mais o sistema burocrático, roubam horas e produtividade ao trabalhador, que até ao fim dos seus dias nunca chega a ficar verdadeiramente elucidado sobre o preenchimento

de qualquer documento importante.

UMA ESPERANÇA NA LUTA

'ANTIBUROCRÁTICA

- Funcionárias da Fazenda

organizam-se

Tal como citámos a certa altura deste trabalho, não nos podemos deixar subjugar nesta luta contra a burocracia.

Mais do que nunca estamos em vésperas de poder aniquilar parte do processo burocrático, e simplificar o restante.

A formação de Comités ao nível de Repartição e ao nível de Serviços, vai permitir que a revolução antiburocrática surja a partir de dentro.

O funcionário politicamente organizado e lúcido vai combater o processo burocrático internamente (vejamos que o funcionário também sofre internamente os efeitos da própria burocracia) e os efeitos não-de sentir-se imediatamente no exterior, no público.

Nos Serviços de Finanças, antigos Serviços de Fazenda e Contabilidade, os funcionários estão a organizar-se. Já possuem um grupo dinamizador para a formação do futuro comité. Este grupo já está a trabalhar em determinados sectores.

Concretamente sobre o problema da burocracia reunimo-nos com o referido grupo constituído por Francisco Malawene, Mário Calane da Silva, Horácio Santos, Âgueda Abranches de Sousa, José Rui Amaral e Aida Brízido.

Francisco Malawene começou por nos dizer que dentro dos trabalhos em vista, e no que diz respeito à desburocratização, já foi nomeada uma comissão para estudar

Em cima: o grupo dinamizador para a formação do Comité Político dos Serviços de Finanças. Todos eles estão convictos de que a revolução começará de dentro para fora. Já têm comissões especializadas em formação para atacar frontalmente a burocracia. Pensam cooperar com outras repartições nos problemas comuns. Ao lado de cima para baixo: CARLA DA CÂMARA E SOUSA: o serviço da Conservatória Civil a ver estar muito mal organizado. Ontem estive aqui durante 3 horas. Hoje como vê estou a atingir o mesmo período de tempo sem ter ainda resolvido o meu problema. Se os funcionários, e o público contactassem deviam-se encontrar soluções

RAIMUNDO MIAMBO: devia haver mais secções para atender o público mas também a culpa disto tudo é o excesso de burocracia. Então para renovar o meu bilhete de Identidade caducado, por que razão tenho de vir aqui perder muitas horas e mais aznhelro para tirar uma nova cédula pessoal? Porque é que uma nova fotografia e o número do antigo não serão suficientes?

GUILHERME DOS SANTOS SILVA: eu acho que há funcionários a menos para tanta gente. Uma certidão urgente e paga para tal, demora agora cerca de 22 dias. Acho que caaa bairro deveria ter uma conservatória a exemplo do que sucede com as Juntas de Bairro precisamente esse problema.

- Sabemos que muitos funciondrios passam o tempo fechados nos gabinetes, não contactam com o público; e não conhecem os problemas deste. O trabalho é grande, os problemas avolumam-se e entramos(num ciclo fechado. No entanto esperamos que dentro em breve, com a formação do nosso comité e com o trabalho intensivo que vamos desenvolver, possamos superar todas as dificuldades.

CORRESPONDÊNCIA:

8 DIAS DE UMA SECÇÃO PARA OUTRA

Na continuação do diálogo com o grupo diriamizador dos Serviços de Finanças frisámos a existência do complicado sistema de cobrança dos impostos, autêntico quebra-cabeças, e da impossibilidade de um trabalhador perder tempo numa bicha para pagar o que vai ser diminuído no seu ordenado.

Reconhecendo realmente o anacronismo do sistema actual, muito bom para uma aldeia, mas péssimo para qualquer grande cidade, voltá mo. a insistir sobre a demora excessiva 'na resolução de certos problemas e despachos da correspondência. Sobre o assunto, Águeda de Sousa elucidou-nos:

- Exisqte um único funcionário a tomar conta da cor. respondência, que às vezes atiníge mais de um milhar de cartas por dia. Mas repare verdadeiramente o que se passa para o atraso do despacho.

Depois da correspondência ser separada por repartições, de se ter posto, um carimbo de entrada dIa repartição, é lançada, anotada no- respectivo livro de correspondência. Daqui vai para o chefe de repartição, que depois de classificar por secções, entrega a ýcorrespondência a um funcionário que volta a lança-la num outro livro. Este funcionário entropa depois aos res-

Ainda não ha um diálogo franco e aberto entre o funcionário e o seu superior hierárquico. O caso complica-se ainda mais quando ô 4funcionário ainda e jovem e ao pretender expor qualquer ideia nova ou plano de trabalho não é aceite pelo dito superior.

pectivos chefes de secção. Estes ou este, por sua vez, entregam a um funcionário da sua secção que faz novamente mais outro lançamento no livro da secção e só então é que a correspondência é entregue ao funcionário que irá resolver o trabalho.

Tudo isto demora nada menos que oito dias.

Há aqui realmente um excesso burocrático que tem de ser resolvido. Mas não haverá pelo meio também uma meia vontade do funcionário em não querer que as coisas mu-

dem para não lhe darem mais trabalho?

Horácio Santos, depois de dizer que o funcionário, na Fazenda e provavelmente noutros serviços públicos, está compartimentado e bloqueado pelo Regulamento de Trabalho de 1901, acabou por afirmar existirem os chamados funcionários '«de arrôcho» cuja descrição deve-se a Virgílio de Carvalho, no livro «Do Contencioso das Contribuições e Impostos do Ultramar» e que a seguir transcrevemos:

«É sabido que as leis fiscais são por vezes redigidas com pouca clareza e que as suas expressões se prestam facilmente a mais de uma interpretação.

«Outras vezes é a falta de preparação dos funcionários (por serem novos nos quadros) que os leva a compreender mal o que é claro e simples. Também se tem verificado com frequência que há funcionários dos chamados «de arrôcho» e que têm muita predisposição para tudo complicar, interpretando sempre desfavoravelmente as disposições legais, soltando o antipático estribilho - «Se não concorda que reclamei».

Horácio Santos concluiu:

- Isto verifica-se muitas vezes porque ainda não há

-um diálogo franco e aberto entre o funcionário e o seu superior hierárquico e complica-se ainda mais quando o funcionário é jovem e ao pretender ex por qualquer nova ideia ou plano de trabalho novo não é aceite.

Portanto chega-se à conclusão que o funcionário é vítima da própria burocracia. A formação do comité político é a única e principal arma que agora ele possui para modificar todo este estado de coisas. Mas certas e determinadas modificações profundas na estrutura e orgânica não poderão ser estudadas e executadas, apenas pelo Comité dos Serviços de Finanças.

Sobre este caso referiu-se Mário Silva:

- Temos de estar unidos. Temos de nos reunir com out-ros comités de outras Repartições públicas para combatermos a burocracia. Sé com a unidade podemos desmantelar 'o sistema burocrático existente, que atrofia a produtividade dos e nos serviços públicos.

ANALISANDO O SISTEMA: DEMOLINDO UMA BUROCRACIA NÃO CAMINHAMOS PARA OUTRA?

Não poderemos de maneira alguma mostrar com esta pequena resenha de factos o que é verdadeiramente a burocracia em Moçambique.

Conseguimos simplesmente fazer ver que a burocracia serviu o colonial-fascismo. Como poderá entrar o processo revolucionário que estamos a viver.

Finalmente queremos alertar para o facto de que ao destruímos o sistema burocrático vigente não devemos criar outro que nos pode espalhar ainda mais.

PAGINA M

Para isso chamamos a atenção dos comités políticos dos diversos serviços.

A estrutura mental do funcionário tem de mudar. Ele já não está a servir o antigo regime tirano. Tem de se capacitar que é um elemento importante na construção de um novo país.

Porém, voltamos ao princípio. O que é a burocracia? Como' desbloqueá-la?
Um dos funcionários com quem falámos definiu a burocracia como uma máquina emperrada por falta de certas engrenagens, com falta de alento próprio.
Ora nem sempre faltam engrenagens na máquina burocrática. Ela funciona tão bem que o Poder Central de certos Governos nem lhe quer tocar, pois alterando-a, poderiam colidir com o próprio «status quo» político.
O insuspeito escritor Laurence Peter, a esse respeito, dizia no seu livro que «a burocracia defende o «status quo» muito para além do tempo em que o QUO perdeu já o «status».
Ora é precisamente o que acontece em Moçambique. Ainda por bastante tempo a máquina burocrática fabricada pelo colonial-fascismo perdurará, até que seja por todos nós completamente aniquilada.
Há quem imagine a introdução do computador como um passo decisivo para o com, bate à burocracia. Ahamos que não. O computador também pode errar, desde que o homem lhe introduza dados errados. Por outro lado seria o advento de uma nova burocracia electrónica.
M. McLuhan dizia que «a nossa época é em grande parte o resultado de tentarmos realizar o trabalho de hoje com ferramentas de ontem com conceitos de ontem». Desmistificando o computador dentro da função de combatente da burocracia que lhe querem impingir, podemos alterar o pensamento de McLuhan na sua última parte e dizer: «A nossa época de Burocracia é e grande parte o resultado de tentarmos realizar o trabalho de hoje com ferramentas de agora, utilizando conceitos e regulamentos de ontem».
O Governo ou o Partido que se querem progressistas não podem deixar-se hierarquizar com uma burocracia estratificante.
A Burocracia como forua crítica,adora de homens e nações, tem de ser combatida por todos.
Moçambique ganhará a batalha entra a Burocracia

DIPLOMA QUE CRIA SITUAÇÃO DE ADIDO PARA 1 FUNCIONÁRIOS QUE REGRESSEM

LISBOA (Da nossa Delegação).- «O Governo Provisório está a estudar, em conjunto com o Governo de Transição de Moçambique, o diploma legal que deverá prever todas as situações dos funcionários públicos que prestam serviço em Moçambique, após a independência deste território, em 25 de Junho do próximo ano»-declarou ao «Tempo» um porta-voz do Ministério da Coordenação Interterritorial, que acrescentou que o referido diploma está praticamente pronto para aprovação.

Como já foi referido pelo Alto Comissário de Moçambique, almirante Vítor Crespo, e por outras entidades em Lisboa, prevê-se a situação de «adido» para os funcionários públicos que, eventualmente, queiram deixar Moçambique, de forma a salvaguardar os seus direitos como servidores do Estado português para além da data da independência, da antiga colónia do Índico. Estes funcio-

1

Funcionalismo: uma tarefa por vezes obscura 'mas imprescindível

nários ficarão numa situação de reserva, mas regenerada, de forma a irem sendo colocados em outros serviços e Ministérios, quando houver vagas ou quando a sua necessidade se fizer sentir.

O mesmo porta-voz afirmou a sua convicção de que a esmagadora maioria dos funcionários públicos de Moçambique ficariam neste território após a independência, desde que, como tudo parece indicar, a situação em Moçambique continue rapidamente a normalizar-se.

PUBLICAÇÃO URGENTE

Nos meios próximos do Ministério da Coordenação Interterritorial considera-se, de

-facto, essencial para a manutenção em Moçambique da quase totalidade do funcionalismo público a publicação do já referido decreto-lei, o qual traria aos espíritos inquietos e perturbados dos funcionários que ali permanecem a certeza de que a sua situação futura estaria garantida pelo Estado português, mesmo que eles permaneçam em Moçambique para além da data da independência do território.

Consta mesmo que o Ministro Almeida Santos, que conhece bem a situação, pois viveu em Moçambique os últimos 20 anos da sua vida, está empenhado na publicação urgente do decreto.

Para complementar a necessária adesão do funciona-

PAGINA 19

Na página ao lado, em cima: Funcionários públicos reunidos em assembleia após o 25 de Abril

-Ao lado: o restabelecimento da vida normal é condição para que muitos funcionários fiquem em Moçambique

lismo e técnicos portugueses às-tarefas da construção de Moçambique considera-se ainda, como já referimos, indispensável a normalização do ambiente social em Lourenço Marques, onde a vida prossegue já normalmente, como aliás no resto do território.

REPRESENTANTE

DO GOVERNO DE TRANSIÇÃO EM LISBOA

Entretanto e segundo informação de boa fonte, é aguardada em Lisboa a chegada de um qualificado representante do Governo de Transição de Moçambique, o qual virá aqui discutir e acertar os pormenores do decreto-lei sobre as garantias a dar aos funcionários públicos que prestam serviço em Moçambique. Após esses contactos e acertos, o diploma deverá ser presente ao Conselho de Ministros, para aprovação.

A amplitude e implicações deste diploma podem ser demonstradas se tivermos em conta que o número de funcionários portugueses que prestam serviço em Angola e Moçambique anda por 120 mil e que, caso não se lhes criem condições de segurança mínimas, podem inflectir sobre o território metropolitano, criando, então, um problema gravíssimo e, para muita gente, sem solução à vista.

PÁGINA 20

Wdeposite na

Caixa Económica do Montepio e obtenha o máximo rendimento participando simultaneamente na construção do novo MONTEPIO O GRANDE MEALHEIRO DE MOÇAMBIQUE dinheiro guardado em casa no seguro não vence Iuros ,,

OS ESTADOS
MEMBROS
ORGANIZACAO
DA UNIDADE AFRICANA (4)
Kk PUBLICA
MALGAXE
(26 de Junho de 1960)

A quarta maior ilha do mundo em superfície, Madagáscar é porém pouco populosa, e os seus habitantes falam uma língua de que o mais próximo-parente se encontra no Bornéu. Tananarive, que tinha já mais de 100000 habitantes antes da conquista francesa, e tem presentemente mais de 350 000, está ligado por caminho de ferro ao porto de Tamatave, mas, "no seu conjunto, o país tem falta de meios de comunicação.

O autoconsumo impede o crescimento do Produto Interno Bruto, embora a pecuária (10 milhões de zebus) e as culturas alimentares (1,5 milhões de toneladas de arroz) sejam importantes. As exportações consistem sobretudo de café em grão (quota de 885 000 sacos) e baunilha, mas a cromite fez o seu aparecimento, com 120 000 toneladas exportadas em 1969. A indústria está localizada nos arredores de Tananarive, e representa dois terços da procura possível. Existe, entre outras, uma fábrica têxtil. Para o PIB, Madagáscar baixou, desde a independência, de 5.º para 9.º entre os países francófonos, e o salário mínimo é de apenas 29 francos CFA. Os encargos suportados pelo orçamento com os funcionários do Estado são os mais elevados de todos os países de expressão francesa. Em 1969, existiam 33 317 funcionários de estado contra 23 186 em 1963.

A língua malgaxe é utilizada concorrentemente com a língua francesa no ensino, e diversos jornais são publicados nas duas línguas, de entre os quais se destaca «Le Courrier de Madagas-: car», que se publica com 12 páginas desde há 10 anos. A Universidade tem 3300 estudantes.

O presidente Philibert Tsiranana nasceu em 1912, filho de um criador de gado católico, tendo guardado gado na sua infância.

Educado em Tananarive e em Montpellier, foi professor até 1955. Secretário-geral do Partido Social-Democrata, foi eleito deputado em Paris em 1956, vindo a ser

escolhido para chefe do oGverno Provisório. O presidente da República Malgaxe é presentemente o general Ramanantsoa, após a queda de Tsiranana.
DA

REINO DO LESOTO

(4 de Outubro de 1966)

O Lesoto é um planalto de dimensões semelhantes à área da Bélgica, inteiramente encravado na República da África, do Sul onde laboram permanentemente pelo menos cerca de 150 000 dos seus trabalhadores.

Maseru; a capital, é um pequeno centro de 15 000 habitantes.

O país é excessivamente pobre mas bastante valorizado pelas explorações familiares que praticam a irrigação e a terraplanagem e cuidam da qualidade dos seus produtos.

O milho, alimento-base, é importado, em parte, porque é economicamente preferível cultivar o trigo, de que se exportam, em média, cerca de 50 000 sacos por ano para a África. do Sul.

O gado, dado de arrendamento (400 mil bovinos, 155 00 equídeos, 1,5 milhões de ovinos e 900 000 caprinos), é notável pela qualidade dos coiros e peles, lã, pêlo de cabra, etc.

Ipiciou-se a extracção de diamantes.

Devido à sua situação, o país tem direito a uma percentagem sobre os direitos aduaneiros sul-africanos. Não possui exército, mas apenas uma força policial de 800 homens.

Cerca de 109 estudantes frequentam a Universidade de Roma, enquanto 89 outros beneficiam de bolsas de estudo no estrangeiro.

O Lesoto é um dos quatro estados bantus reconhecidos como soberanos, mas a sua organização foi alterada por uma Constituição que não reconhece qualquer autoridade ao Rei Moshoeshe II, Bereng, de nome próprio.

Quinto dirigente da dinastia fundada por Moshoeshe I (1820-1870), nasceu em 1937 e começou a reinar aos 3 anos de idade sob a tutela da esposa principal de seu pai, Ma'Ntsebo, mulher de um excepcional sentido político.

Educado em Oxford, foi proclamado de maior idade em 1960, mas exilou-se em 1970, exercendo desde então a Regência a rainha Mamohato.

LIBIA

(24 de Dezembro de 1951)

País imenso mas quase completamente desértico, de população muçulmana malekita, salvo uns 150 000 ibaditas de origem berbere, e igual número de hanefitas, de origem turca.

A municipalidade de Trípoli tem 345 000 habitantes, dos quais 26 100 italianos e 5000 outros estrangeiros.

Os recursos agrícolas da Líbia não são de desprezar, pois que a região de Tripoli possui 2,5 milhões de oliveiras, e a de Beida cerca de 1 milhão. O número de tamareiras ultrapassa os 3 milhões, e o oásis de Koufra pode ser tornado fértil pela: existência de um lençol subterrâneo de água.

Mas o êxodo rural atingiu o seu máximo após a descoberta, em 1959, de petróleo, que suscitou a construção de cinco oleodutos e de outros tantos portos especiais. A Líbia tornou-se assim o quarto exportador mundial de petróleo bruto, com 160 milhões de toneladas em 1969, e o PIB subiu de 50 dólares americanos per capita em 1958 para 1000 dez anos mais tarde, e o salário mensal mínimo foi fixado em 7,20 dólares americanos.

O gás natural promete ao país outras grandes receitas.

A transformação económica foi seguida de uma transformação política.

Em 1950, a Líbia torna-se independente sob a égide do Rei Idris I, terceiro sucessor e chefe da confraria reli-

GÂMBIA

(1 de Fevereiro de 1965)

Pequeno enclave criado para o tráfico de mercadorias ao longo dos 300 quilómetros de margens do Rio Gâmbia, com uma pequena capital situada em Bathurst (30 000 habitantes), este domínio foi teatro das mais inverosímeis e custosas experiências (avicultura, piscicultura e orizicultura) que o deixaram entregue à monocultura do amendoim, enquanto o arroz é importado no valor de meio milhão de libras esterlinas por ano.

Não possui exército, mas apenas um corpo policial constituído por 800 homens. giosa Senoussya do marabu Sidi Mohammed Ibn Ali Snoussi Khattabi, de Mostagenem, Argélia.

Sidi Idris nasceu em 1890 no oásis de Djaghaboud, que foi território egípcio até 1926.

A Itália e a Inglaterra haviam reconhecido o «Grão Senoussi» em lugar de seu primo que havia tomado o partido da Turquia em 1916. Fugindo aos italianos, permaneceu no Cairo de 1923 a 1943, para regressar com o exército britânico. Foi destituído no dia 1 de Setembro de 1969 pelo coronel Moammed AI Khadafi, de 29 anos de idade, licenciado em Letras, e que servia no Exército desde 1963.

* Presidente do Conselho da Revolução, o coronel assumiu a chefia do Governo em 16 de Janeiro de 1970.

ALTO VOLTA

(5 de Agosto de 1960)

Pequeno e árido, o Alto Volta tem densas zonas de ocupação (32 habitantes por quilómetro quadrado no Mossi, c 45 no Yatenga), pelo que a emigração para o Gana e a Costa do Marfim se conta por centenas de milhar todos os anos.

Está ligado a Abidj" por um caminho de ferro que parte da sua capital, Ouagadougou (105 000 habitantes) e passa, por Bobo-Dioulasso (55 000 habitantes).

A pecuária é o seu principal recurso (2,5 milhões de bovinos), representando 54 por cento das exportações, sem contar com o contrabando para o Gana, que está calculado em quatro quintos das exportações.

A indústria é embrionária (3 por cento dos salários), mas felizmente diversificada. As fábricas de cerveja possuem um capital de 400 milhões de francos CFA (Comunidade Financeira

Africana), tendo sido construído um complexo têxtil, mas mesmo assim, o Alto Volta situa-se na cauda dos países francófonos para o PIB, e em 12.º lugar em salários (mínimo de 27 francos CFA).

As missões católicas retiraram-se do ensino em 1969, em virtude de o governo não lhes poder dar garantias orçamentais por elas exigidas. Há 650 estudantes universitários no estrangeiro.

O primeiro Chefe de Estado foi Maurice Yameogo, da tribo Mossi, nascido em 1921. Hostil ao seu imperador tradicional, desempenhou apenas um papel apagado até à morte do herói nacional, Ouezzin Coulibaly, em 1957, quando era ministro, subindo à Presidência em 1960, e tendo desaparecido da cena política após uma greve geral, em 3 de Janeiro de 1966.

O Exército fê-lo substituir pelo coronel Sangoule Lamizana, então de 50 anos de idade, veterano da Europa e da Indochina, onde ascendeu ao posto de comandante no Exército Francês, tendo passado ao Exército voltaico em 1964.

O Presidente Jomo Ken-yata assistindo à exibição de -um grupo de dançarinos nos jardins da Casa do Estado. em Nairobi, quando o Quénia celebrou o aniversário da sua independência

QUÉNIA

(12 de Dezembro de 1963)

País vasto mas fértil apenas nas suas províncias meridionais, cuja costa os árabes ocupam desde a Idade Média (esteve sob a soberania de Zanzibar até 1963), e cujo interior conta ainda com mais de 50 000 europeus e 150 000 asiáticos, mesmo após o êxodo daqueles a quem foi negada a nacionalidade queniana.

Nairobi, com uma população de 477 600 habitantes, segundo o censo de 1969, é um orçamento de 4 milhões de libras não desvalorizadas (em 1967), e Mombasa, com 246 000 habitantes, são as duas maiores cidades.

Um dos estados africanos mais artificiais, o Quénia operou uma transformação de envergadura. Nas cercanias de Nairobi, cerca de 3000 colonos haviam-se instalado em 1,2 milhões de hectares de terras, o que provocou a revolta dos Mau-Mau em 1952. Hoje, ainda lá se encontram mais de 600 colonos, um dos quais é ministro da Agricultura, mas 520 000 hectares de terras foram distribuídos a 32 700 famílias africanas.

Abandonando as aldeias onde os ingleses os haviam fixado para os controlar, os Mau-Mau regressaram ao seu habitat familiar tradicional, mas em novas condições que permitem a 27 700 de entre eles obter rendimentos da ordem de 25 a 70 libras anuais, e a 5000 outros rendimentos de mais de 100 libras.

A economia apoia-se essencialmente na agricultura, a qual é bastante diversificada, tendo as exportações de café baixado de 50 por cento em 1955 para 18 por cento em 1967.

Em Nairobi, funciona uma Bolsa de Valores.

Uma das características' do Quénia é o movimento turístico, que ultrapassa os 200 000 visitantes por ano.

O «College» de Nairobi da Universidade da África Oriental tem mais de 1800 estudantes e a Imprensa é assinalável: os diários que se publicam são «East African Standard», «Nation», «Taifa Leo» (em swahili), etc.

LIBÉRIA

(26 de Julho de 1847)

Um pequeno território, coberto de florestas e le população muito disseminada, com cerca de 100 000 habitantes vivendo de economia monetária, a Libéria foi forçada a aguardar a emancipação dos seus vizinhos para conhecer! uma outra forma de valorização que não a de uma plantação de borracha com práticas pouco democráticas que cobria uma superfície de 36 000 hectares.

A exploração das minas de ferro dá-lhe hoje quatro vezes mais dõ que a

borracha, e o regime de regulamentos favoráveis permite-lhe possuir a primeira frota mundial (29,2 milhões de toneladas brutas, contra um pouco mais de 24 milhões do Japão e um pouco menos da Grã-Bretanha).

A Libéria continua entretanto dominada por capitais norte-americanos, que atingem 350 milhões de dólares. Residem "lá 3500 cidadãos norte-americanos. A cidade de Monróvia ultrapassou já os 100 000 habitantes e a sua universidade conta com 800 estudantes.

O país era administrado desde 1944 pelo Presidente William V. S. Tubman, nascido em 1895 em Cap Palmas, filho de um pastor protestante.

Foi cobrador de impostos até à sua eleição em 1923 para senador pelo Partido True Whig, no poder desde 1878, e exerceu o cargo de vice-presidente do Supremo Tribunal antes da sua eleição como presidente da República.

O actual Presidente da Libéria é William R. Tolbert, nascido em Besançonville em 1913, o qual, como vice-presidente da República, ascendeu à Presidência por morte de Tubman.

GUINÉ-CONAKRY

(2 de Outubro de 1958)

Pequena e não muito populosa, a República, da Guiné constitui um bastião avançado do Islão malekita, que remonta ao século XVIII. .A rede de comunicações é pobre mas temporariamente suficiente, porque os jazigos de bauxite e de ferro presentemente em exploração se situam perto do mar. O traçado das fronteiras é de tal forma que o ferro de outro jazigo, o do Monte Nimba, não pode ser exportado senão através da Libéria.

A capital Conakry, segundo o jornal oficial, o «Horoya», tem já meio milhão de habitantes.

Antes de 1958, a Guiné era o país da banana e do café. única colónia a responder «Não» ao referendo de De

O Presidente Sékou Touré, da República da Guiné

Gaullé, conheceu um período de isolamento, tendo a sua moeda perdido três quartos do seu valor, isolamento de que conseguiu sair graças às suas riquezas minerais que representam hoje 60 por cento das exportações.

Uma companhia internacional, onde os americanos possuem interesses, transforma a bauxite em alumínio, uma outra ocupa-se da extracção do ferro, mas os capitais estrangeiros não são aceites senão neste sector.

O Partido único, no qual está integrado o Exército, dirige a vida das aldeias por meio de comités que substituíram os chefes tradicionais e visa «desocidentalizar» o ensino.

Cerca de um milhar de estudantes frequenta as faculdades de Conakry e Kankan.

1

A MAIOR TAXA DE JURO

nos depósitos a prazo de 1 ano e 1 dia

-, BANCO DE FOMENTO NACIONAL

dinamiza o progresso

Lourenço Marques-Av da República,988 Beira -Av. Paiva de Andrada, 66

. Da morte do presidente Salvador Allende à tomada do poder pelas forças fascistas de Pinorchet três dias foram profundamente marcados pela feroz e desesperada resistência popular. Esta -resistência do povo armado e desarmado, dos operários, dos estudantes e dos camponeses, nunca pôde ser narrada na imprensa moçambicana por força e peso de um regime pior e duplamente opressor que então aqui imperava. Fez no passado dia 11 de Setembro um ano que a bota fascista pisa nova e sanguinariamente a terra dos índios araucanos, também eles totalmente massacrados nos Andes chilenos durante o período de ocupação e opressão colonial.

Nós, que estamos a presenciar e a participar na tomada do poder pelo povo em Moçambique, devemos saber como durante três dias o povo chileno resistiu ao opressor, como irá resistir por mais três séculos se for necessário, até que inevitavelmente o processo histórico se cumpra.

Da pena de Marcelo Dias, este trabalho sobre a resistência popular e as causas da sua derrota nos primeiros dias do golpe é uma transcrição do jornal português «República».

INES DIAS DE FERROZ RESISTENCIA POPULAR

TERMINARAM COM A DERROTA DAS FORÇAS DEMOCRATICAS

-A luta continua na clandestinidade

A SERPENTE TRAIÇOEIRA DO GOLPE REACCIONÁRIO

O Presidente Salvador Allende foi avisado na noite do dia 10 de Setembro de que a frota chilena que saía para realizar conjuntamente com navios norte-americanos manobras de adestramento no Pacífico voltara discretamente ao porto de Valparaíso. Na madrugada do dia 11 chegaram as primeiras notícias de movimentos de tropas naquela cidade. Allende consultou os comandantes das três armas que declararam nação saber e reiteraram sua «fidelidade à constituição». As seis da manhã começaram os primeiros movimentos de tropas em Santiago e ficou patente que o golpe estava em marcha. Foi então que o Presidente alertou os partidos da UP e anunciou que se dirigia ao palácio de La Moneda onde se

dispunha a resistir até à morte. O gen. de Carabineiros Mendoza havia-lhe, garantido a fidelidade da guarda de carabineiros do palácio. Algumas horas mais tarde o mesmo general assinaria junto com Pinochet, Toribio Merino e Leigh o comunicado golpista exigindo a rendição de Allende.

COMO ALLENDE MORREU A LUTAR

Por volta das 7 h. começaram a ser atacadas e silenciadas as emissoras que apoiavam o governo. Nos quartéis na noite anterior e no decorrer da madrugada foram assassinados ou detidos os remanescentes da desmoralizada oficialidade anti-golpista.

Por volta das 8.30 h. a chamada «Junta das FAs e carabineiros do Chile» difundiu pela cadeia de emissoras reaccionárias seu primeiro comunicado. Poucos instantes depois Allende através de uma última emissora popular que ainda não havia sido silenciada fez seu último discurso à-nação anunciando que resistiria até ao fim e denunciando a traição das FAs. Não se difundiu nenhuma instrução concreta aos partidos da UP nem aos órgãos de Poder Popular. A CUT limitou-se a exortar à

ocupação das fábricas. Por volta das 10.39 h. iniciou-se o primeiro dos sucessivos ataques ao Palácio de La Moneda onde, face à deserção da guarda de Carabineiros, Allende resistia com um reduzido número de militantes, alguns homens da polícia civil (Investigaciones) e algumas dezenas de membros de sua guarda pessoal (GAP). Ao mesmo tempo era atacada a residência presidencial de Tomás Moro onde elementos do GAP resistiram durante várias horas aos ataques do Exército e aos bombardeios aéreos, inflingindo pesadas baixas ao inimigo. Em vários pontos do centro da cidade surgiram focos de resistência alguns dos quais só seriam dominados depois de vários dias. Sucessivos ataques ao palácio de La Moneda foram repelidos com severas baixas entre os atacantes. O palácio foi violentamente bombardeado pela aviação e pela artilharia. Foi finalmente reduzido no fim da tarde quando já estava praticamente em ruínas. Allende resistiu heroicamente até ao fim; gravemente ferido, foi covardemente executado por um oficial fascista. Todos os valorosos resistentes do palácio que chegaram a ser

capturados vivos foram sumariamente fuzilados.

OPERÁRIOS CAMPONESES E ESTUDANTES

RESISTEM AOS GOLPISTAS

As primeiras horas da tarde já se haviam registado os primeiros ataques contra fábricas na região de San Joaquin e San Miguel. Ao ser dominado o palácio presidencial generalizaram-se os ataques contra os Cordões Industriais. Ocorreram violentos combates nos Cordões Vicufia Mackena, Cerrillos, San Joaquin, Santa Rosa e

GRAVEMENTE FERIDO DURANTE A LUTA ALLENDE E MORTO COBARDEMENTE A TIRO

Aspecto de uma manifestação contra a Junta militar chilena, organizada por populares, em Roma

nas «poblaciones» vizinhas de alguns desses. A escola de Sub-Oficiais de Carabineiros revoltou-se contra o golpe e travou violenta batalha com força do

Exército, que durou até a manhã do dia 12. O Regimento Buin do Exército, reputado como leal ao governo recusou-se obedecer às ordens dos golpistas mas não saiu para combatê-los. Ao ser cercado rendeu-se sendo sumariamente fuzilados vários oficiais e sub-oficiais. Houve inúmeros actos individuais de rebeldia por parte de sub-Oficiais e soldados do Exército e Carabineiros em diversas unidades. Durante os combates na região do Cordão Vicuna Mackenna uma companhia de Carabineiros revoltou-se juntando-se aos operários, depois de vagar desorientada e sem rumo terminou entrando numa fábrica e resistindo nela até ao fim.

Na região de Santiago houve resistência passiva ao golpe durante 3 dias. A acção de grupos guerrilheiros e de franco-atiradores haveria de continuar ainda durante duas semanas. É difícil avaliar com exactidão como foi a resistência em outras regiões. Em Valparaíso o golpe foi desencadeado por Brigadas Especiais do MIR e do PS no dia 12 um contra-ataque chegando a tomar-se vários postos de carabineiros. A resistência cessou somente no dia 14. Na zona rural de Valparaíso um grupo camponês do PS combateu durante várias semanas. Houve também combates de amplitude indeterminada em Concepcion, Talca, Cautin, etc.

O POTENCIAL MILITAR DA UNIDADE POPULAR

A resistência dos dias 11, 12 e 13 de Setembro na região de Santiago caracterizou-se pela mais completa desorganização e descoordenação operacional. Antes de analisá-la seria conveniente enumerar as forças militares e para-militares com as quais potencialmente contava o governo.

- A guarda pessoal de Allende, GAP. Era constituída por algumas centenas de militantes do PS, todos bem treinados. Era equipada com fuzis soviéticos AK, metralhadoras pesadas, bazucas e alguns mortefros.
- As Brigadas Especiais, Todos os partidos da UP e o MII tinham aparatos armados no seu conjunto

Ao lado, Allende discursando para a multidão quando da sua eleição para Presidente

Na página ao lado, a viúva de Salvador Allende é recebida por Edgar Fauré quando da sua chegada, a França

O Presidente Sékou Touré, da República da Guiné

deviam somar uns cinco mil combatentes relativamente bem equipados. Além disso havia a disponibilidade para integrar-se no combate de dezenas de milhares de militantes dos Partidos de esquerda que ainda não haviam sido militarmente estruturados. Pelo menos teoricamente os Partidos da UP haviam promovido a militarização de uma grande parte de suas bases partidárias.

- A Polícia Civil (Investigaciones). Alguns milhares de homens em todo o país dos quais a maior parte tinha ligações com a UP.

- Os grupos de defesa dos cordões industriais e comandos comunais. Tinham reduzido armamento próprio e um nível de treinamento precário, apresentavam no geral uma grande disposição de luta,

-As forças militares «leais» e o y. organismos anti-golpistas no seio das FAs. Logicamente trata-se de uma enumeração potencial dos recursos militares da UP. Ao contrário das forças militares regulares que estão concentradas em quartéis e unidades militares dispondo a cada momento de recursos humanos e logísticos capazes de ser rapidamente postos em condições de combate, com excepção do GAP, de «Investigaciones» e de forças militares leais que porventura existissem estas unidades estavam dispersas, cada combatente em sua casa ou no seu trabalho. A sua aglutinação, armamento, movimentação e tomada de posição de combate colocava problemas de comunicação, movimentação e logística difíceis de solucionar, mesmo no caso em que essas forças pudessem tomar a iniciativa e tivessem em suas mãos o factor surpresa. No caso de iniciativa do inimigo beneficiando de factor surpresa isso é virtualmente impossível ou só poderá ser feito, como, aliás, aconteceu, por um número de efectivos extremamente reduzido que logre aglutinar, armar-se e tomar posição de combate a tempo. As unidades militares e de Carabineiros «leais», e os dispositivos anti-golpistas no seio das FAs haviam sido prejudicados a muito pouco a partir do trabalho de «Win peza» realizado pelos goiris-tas com anterioridade ao golpe. Sua moral combativa e seu estado de ânimo era extremamente baixo nas vésperas do golpe; para isso havia sem dúvida nenhuma contribuído decisivamente a escandalosa atitude tomada pelo governo face ao expurgo prisão e tortura dos marinheiros anti-golpistas.' Estas unidades leais não tinham um plano de acção, careciam de coordenação entre si e concretamente não sabiam o que fazer. Em várias ocasiões no dia 11 e 12 foram vistas esquadras e mesmo pelotões que se haviam rebelado contra os golpistas, errantes, pelas ruas sem saber o que fazer nem para onde ir. Geralmente terminavam por entrar em uma fábrica e lutar até serem massacrados junto com os operários ou por dispersar-se e desertar.

FACTORES QUE FACILITARAM

VITÓRIA FASCISTA

Os factores que permitiram a rápida vitória militar dos golpistas e que determinaram que não houvesse uma guerra-civil são bastante óbvios. A rigor não podem sequer ser catalogados como «falhas militares» do dispositivo da UP pois não houve choque entre dois pólos militares propriamente ditos. As falhas militares do dispositivo de defesa do governo popular e os factores altamente favoráveis dos quais se beneficiaram os golpistas têm, invariavelmente, uma raiz política, são a consequência de toda a concepção política reformista que norteou o governo desde seu primeiro dia. Os factores mais específicos que pesaram no desfecho do enfrentamento iniciado no dia 11 são basicamente:

-O facto dos golpistas haverem podido beneficiar do factor surpresa e de pertencer-lhes totalmente a iniciativa.

-A ausência de um Estado-Maior unitário e de um plano de operação unitário entre os Partidos de esquerda. Cada Partido tinha seu próprio plano de acção e sua própria direcção militar não havendo virtualmente nenhuma coordenação com os destacamentos mili-

tares dos outros Partidos. No caso do PS, tratando-se de um Partido dividido em várias fracções, cada fracção tinha seu próprio, plano de acção e seu próprio aparato militar. Naturalmente o mesmo fenómeno de total descoordenação existia entre os dispositivos de defesa dos diferentes Cordões Industriais, «poblaciones», etc.

- Desânimo e baixa moral combativa não só no seio das massas como também dentro dos partidos ao nível da maioria dos militantes.

- Desarticulação p r é v i a quase total dos dispositivos anti-golpistas no seio das FAs.

- Pouca experiência de luta violenta das massas trabalhadoras chilenas marcadas por décadas de política institucional e falta de experiência de combate da esquerda chilena. A todos estes factores que com excensão do último ponto podem ser atribuídos directamente aos erros emanados da concepção refor" mista posta em práitca pelo

governo, poderíamos acrescentar alguns outros circunstanciais ou relativos às capacidades do inimigo.

- O facto dos Partidos da UP não estarem em estado de alerta máxima no dia do golpe por acreditarem ser iminente um acordo com o PDC e improvável o golpe naqueles dias.

havam reunido as pressas

- O facto do local onde se na manhã do dia 11 as direcções dos Partidos da UP e do MIR, com o intuito de coordenar a resistência, ter sido atacado por forças militares. A guarda do local conseguiu resistir o suficiente para dar fuga aos dirigentes ali reunidos, a sua dispersão p o r é m impediu qualquer tipo de possível coordenação entre os Partidos.

- O excelente nível de planeamento e a eficiente execução do plano golpista.

O dispositivo golpista fora minuciosamente elaborado durant' mUif " meses, foi testado praticamente peça por peça durante as ope-

OPERARIOS BARRICAGOS -NAS FABRICAS RESISTEM ATI A MORTE Ao GOLPE DE PINOCHET

rações da «Lei de Controle de Armas». Sua execução foi rápida e decidida. Tudo isso compensou a pouca disposição combativa e a hostilidade com relação ao golpe da maioria dos soldados. Nas condições que a política suicida do governo permitiu que o golpe se desse se-ria suma ingenuidade acreditar que se poderia contar com uma. insubmissão generalizada dos soldados. Os golpistas dispoñdo da iniciativa e do factor surpresa, e, não existindo do outro lado nenhuma força militar capaz de inspirar confiança aos soldados e pressioná-los com seu poder de fogo e acção psicológica estes se viam diante do dilema de obedecer ou serem sumariamente fuzilados. As tentativas de insubmissão ou desercão aue existiram na sua ouase totalidade, eram individuais e foram invarisvplmente puntida com imediata execução. As unidsdes do Exército burguês só podem ser divididas horizontalmen-te quando confrontadas com destacamentos com um bom poder de fogo que contem com iniciativa e surpresa e quando exista um mínimo de organização e planeamento prévio dos

revolucionários no seu interior, bem como naturalmente, todas as condições políticas favoráveis em escala social.

FORÇAS POPULARES

DISPERSAS

DESORGANIZARAM-SE

No dia 11 de Setembro me-nos de 10% do potencial humano global e do potencial militar da UP chegou a ser mobilizado. A mobilização de massas na ocupação de fábricas foi incomparavelmente inferior à de 29 de Junho. Ao nível dos destacamentos armados o GAP resistiu duramente em La Moneda e Tomas Moro. Forças de « Investigaciones » combateram no centro de Santiago. Algumas Brigadas Especiais do PS conseguiram aglutinar-se (geralmente com cerca de metade do efectivo completo) e seguiram seus próprios planos. Uma destas à qual se juntaram algumas centenas de operários do Cordão San Joaquín combateu violentamente nas fábricas INDU: MET, SUMAR-POLIELSTER e na região da «poblacion» La Legua. Nesta última chegou a travar um vitorioso combate contra forças de Carabineiros infligindo-lhes mais de 40 baixas, destruindo três tanques leves e avariando um helicóptero.

As brigadas do PC e da Juventude Comunista receberam ao que tudo indica ordens para não sair ou não puderam ser aglutinadas a tempo. As do MIR chegaram a aglutinar-se e algumas foram vistas tomando posição de combate na região do Cordão Vicuña Mackenna. Receberam ordens para retirar-se às primeiras horas da tarde do dia 11 ao perceber a direcção deste partido e no conjunto da região de Santiago reinava a mais completa confusão no seio das forças populares o que impossibilitava uma resistência minimamente eficaz. Em vários pontos de Santiago combateram por iniciativa própria inúmeros grupos pertencentes a todos os partidos de esquerda.

DOIS DIAS

DE FERROZ RESISTÊNCIA OPERÁRIA

No entanto o grosso da resistência dos dias 11 e 12 foi assumida de maneira semi-espontânea pelos sectores mais combativos da classe operária sem distinção partidária que responderam à ordem da CUT de ocupar as fábricas. A heróica resistência destes milhares de trabalhadores que em grande proporção terminaram massacrados, como não poderia deixar de ser naquelas circunstâncias, caracterizou-se por erros militares fatais. Limitou-se na quase totalidade dos casos

PRISÕES MACIAS E FUSILAMENTOS SUMARIOS CONSOLIDARAM O REGIME SANGUINARIO CHILENO

à defesa passiva de suas fábricas.

Com armas curtas, explosivos e "algumas poucas armas longas defenderam-nas até serem reduzidos e posteriormente exterminados pelos golpistas. Não houve ao que tudo indica obstrução de ruas, construção de barricadas e preparação de emboscadas. O inimigo pôde durante toda a manhã a parte da tarde do dia 11 transitar livremente pelas ruas em frente às fábricas ocupadas sem ser molestado. Isso possibilitou uma fácil e rápida disposição de forças para em seguida, dominada a situação no palácio presidencial, passar ao ataque das

fábricas. Estas na maioria das vezes só resistiam a partir do momento que eram directamente atacadas.

Reduzidos os focos de resistência passiva os golpistas dedicaram-se a promover massacres sistemáticos nos bairros operários e «poblaciones» e não executadas nestes dias cerca de 1{ mil pessoas, só na capital de Santiago.

As acções guerrilheiras nocturnas, sobretudo as emboscadas a patrulhas militares realizadas em sua maioria por grupos operários e pequenas esquadras partidárias operando autonomamente :continuaram durante várias semanas provocando centenas de baixas ao inimigo.

O conjunto de perdas sofridas pelas FAs golpistas certamente ultrapassam a cifra oficial de 200 admitida meses mais tarde pela Junta fascista. As cifras reais de mortos segundo fontes bem informadas seriam pelo menos duas vezes maiores que esta. O número de feridos chegaria quase a 3 mil .Isto dá uma ideia da tenacidade da resistência das classes trabalhadoras ao golpe fascista».

RESISTIR SEMPRE ATÉ AO NOVO DIA ATÉ AO NOVO HOMEM

E desnecessário discorrer sobre a sobejamente conhecida

sanha repressiva, os hediondos crimes, a política antipopular e pró-imperialista de fome, miséria, desemprego e obscurantismo da Junta fascista. Não cabe igualmente dissertar sobre as tarefas da resistência chilena. Estas são enunciadas e propagandeadas por aqueles que hoje combatem no Chile dentro de uma perspectiva revolucionária e unitária e que são seus únicos autênticos porta-vozes.

A preocupação unitária não compromete naturalmente a necessidade de ter-se bem claro quais foram os erros cometidos pelo governo de Allende e por sectores da UP no período anterior ao 11 de Setembro. A crítica fraternal -porém firme destes erros contribuirá para que eles não venham a ser repetidos de novo no Chile como também em outras partes do mundo. Essa crítica nem de longe invalida os inúmeros e importantes méritos do governo de Allende. Os três anos de governo da UP propiciaram um notável aprofundamento e maturação política das classes trabalhadoras, liberaram profundamente as forças sociais deram aos trabalhadores ainda que de forma incompleta a possibilidade de vivenciar alguns aspectos daquilo que seria uma sociedade mais justa, digna e livre. Mostraram aos trabalhadores que eles podem governar as fábricas e dirigir o país. Dissecaram minuciosamente toda a inutilidade, decrepitude e podridão da sociedade burguesa. Aquilo que puderam aprender e maturar milhões de trabalhadores durante estes três anos nenhum crime, nenhuma atrocidade da negra noite fascista poderá retirar-lhes. É o solo fértil prenhe de sementes revolucionárias do qual nascerá o novo dia.

e

>4 <44 >4», »4~44>44

4

44

~

>0>444>4~>4>>444'>>44 4>4< 4<4» >4 >4

>4 ~4444 » 4444 <4

>4

>44< »j4444<444>y4

'>444 >4 >4 4
<0>>4 ~>
>444<4>>4x>4<4>>'>
4 >4 >4»'o>4 <4<44>4>,'>>»>
4 >4 ~<<>44> >~\j
4, 44> >444 <»44> >4 444» 4y>
>4'>~
>444>
'iL~TV#F1 LPI~NU ~Affl
4»>4>
"4,
*

-ap, .
do calor!

POIS defenda- se com
oni

Só BAYGON expulsa as baratas dos seus esconderijos. Só BAYGON tem um efeito que dura por muito e muito tempo. SBAYGON mata a bicharada e todas as baratas. Infalivelmente i Proteja a saúde e bem-estar de toda a família - ataque com BAYGON !

O Baygon

Onde a sua protecção começa!

UM PRODUTO @

ES L JIu hrnrdr K [pidenbrg. Lda. LOURENÇO MARQUES

\a

~DISTRIBUIDOR

Cý XCwUL IEL IEL Cý IM IELW <> W1k

O povo português nada teve a ver com a exploração colonial a não ser o facto de ter sido seu instrumento. O capitalismo e a sangria das colónias não foi às gentes do Minho ou do Algarve que beneficiaram. Os proventos dessa exploração enriqueceram os accionistas de uma meia dúzia de grandes empresas e outras tantas menores que, à volta das grandes gravitam.

O povo português e o povo Moçambicano foram vitimas do mesmo inimigo. Esse inimigo que não deixava os moçambicanos seren gente é o mesmo que não deixava a maioria dos portugueses escolherem livremente o seu caminho.

'Nos cinco continentes da Terra há pedras humanas que rolam. Não têm cor. São pedras pisadas pelos cilindros do capitalismo, do colonialismo e do imperialismo. Quer o povo português quero povo moçambicano fazem parte dessa avalanche de pedras humans trituradas e reduzidas

apó.

Texto: ALBINO MAGAIA
RANGEL

Fotos: RICARDO

Duas mulheres do povo ambas com o mesmo problema de subsistência independentemente da localização geográfica e da cor da pele. Uma foto foi tirada em Lisboa e outra em Lourenço Marques

Houve um fulano que numa sessão de esclarecimento disse um disparate como este:

-Eu não posso ser anticolonialista porque sou branco. Não posso ser contra a minha raça.

Isto faria rir se não fosse uma objecção tão ignorante que em vez de ter piada dá-nos a verdadeira dimensão do obscurantismo e ignorância a que a nossa terra foi sujeita.

Todavia, por mais que os desconfiados, os despolitizados e os reaccionários pretendam dar outra face à realidade, ela permanece intacta e fala-nos de sistemas que oprimem

e não de raças mesmo nestas zonas onde o branco parece ser sinónimo de opressor.

As pessoas que confundem sistemas políticos ou económicos com uma raça pecam por preguiça mental, por ignorância, ou são vítimas da propaganda fascista e imperialista que procura manter os povos oprimidos para poder continuar a encher os bolsos de meia dúzia de cavalheiros de voz doce, que de vez em quando escrevem um livro de cheques e mandam um exemplar para o banco...

O POVO PORTUGUÊS

Quando, em Portugal, Salazar lançou a palavra de ordem: «Nada contra

Para além da beleza e do exotismo destas fotos, adivinha-se a luta pela vida quer na Catembe quer no Chiado

a Pátria tudo pela Pátria» criou a cultura política fascista. Daí resultou que o povo português, quase que sem tugar nem mugir, bebeu todo o licor ácido da opressão: ficou sem emprego, ficou sem a terra, permaneceu estagnado nas suas aldeias que os fascistas chamavam «típicas» como se a miséria tivesse algum padrão.

Proclamar a fome era ser contra a Pátria. Os portugueses, desse todo, viveram exilados dentro do seu país. Uns emigravam para o chamado ultramar ou para os países europeus. A emigração para a Europa desenvolvida industrialmente acabou por ser tal

que a segunda língua mais falada na França é o português. Muitas aldeias ficaram desertas e nelas só se encontravam velhos e crianças. Foi deste modo que o povo deu a sua resposta ao fascismo. Paralelamente surgiram militantes e guerrilheiros de movimentos clandestinos, todos saldos do povo e, por consequência, representando a vontade desse povo. Esta foi a forma da resistência extrema que a opressão fascista encontrou em Portugal.

Os filhos mais jovens do povo português foram obrigados a lutar contra os povos das colónias. O mesmo acontecia nas colónias em que os filhos da

Engraxadores brancos e engraxadores negros.

A mesma poeira para tirar dos sapatos

Velha ardina numa rua de Lisboa. Imagem desconhecida em Moçambique

terra eram forçados a lutar contra os seus irmãos- numa guerra fratricida. Um governo pode ser reaccionário e retrógrado. Mas o povo nunca é reaccionário. O povo português deu essa prova no dia 25 de Abril.

O dia da chamada revolução das flores foi o grito dos portugueses contra a guerra colonial, contra a fome, contra a miséria, contra o analfabetismo, contra o desemprego, contra a prostituição da mulher portuguesa, contra o abismo a que o fascismo arrastava o país. E aqueles que não confundiam pátria com governo demonstraram o quanto amavam a sua pátria.

POVOS IRMÃOS

O povo moçambicano é irmão do povo português. Ambos foram vítimas do mesmo sistema político. A exploração que se fazia nas colónias não era ao povo português que beneficiava, mas aos elementos de um clube fechado que tinha os seus sócios:: nos latifundiários, nos capitalistas monopolistas ou não, e nos elementos do governo de Salazar-Caetano.

Assim como o povo moçambicano sofre de fome, sofre de analfabetismo, sofre de grande mortalidade infantil, sofre de falta de condições de habitação, sofre de falta de assistência me-

OI POV POTUUE

I SMGAOP IO MEMITM

IE 01 POV 'I 'BI A ~ i' i Ã

'e PO 1

Um4?', vendadeira ambulante. Esta imagem dispensa legenda dica, sofre de superstição, de obscurantismo e de um passado lúgrube, assim o povo português sofre exactamente dos mesmos males.

Quanto ao resto, o problema daqueles que nas colónias se serviram da exploração colonial e do fascismo para satisfazerem os seus interesses, a verdade é uma: nada têm a ver com o povo português e nada têm a ver com o povo moçambicano.

Esses não têm cor. São brancos, são mulatos, são asiáticos e são pretos. O facto de o maior número serem brancos não diz nada. A prova é que enquanto uns vão fugindo em pânico sem saberem bem

para onde vão, brancos há que teimosamente, mas com dignidade, preferem aqui morrer a abandonar a terra que adoptaram como sua ou de facto a ela têm direito de nascença.

As fotos que publicamos são mais eloquentes do que nós. Elas dizem que a exploração não conhece raças e apenas a situação geográfica dos territórios pode levar a certos erros de análise. As palavras proletário e oprimido não conhecem raças do mesmo modo que a desumanidade de certos governos nem chega a ser daltónica. É ceqn. Independente da cor da pele dos infelizes que oprime.

PÁGINA 38 DA NOSSA DELEGAÇÃO EM LISBOA

II

PÁGINA 39

A RFPDESSAO

COLONIAL

DA NOVELA
DE LUANDINO VIEIRA AO FILME DE SARA MALDOROR, NUMA
CONVERSA
COM O AUTOR DE "LUANDA"

LISBOA - Da nossa Delegação - Depois de ter sido exibido nas Américas do norte e do Sul e de ter corrido quase todos os países europeus, encontra-se em exibição em Lisboa o filme «Sambizanga», de Sara Madoror, mulher de Mário Pinto de Andrade. Inicialmente proibido pelo Governo Provisório, o filme levantou à sua volta imensa expectativa, como era de esperar.

Baseado numa novela do escritor angolano Luandino Vieira, que, depois de 11 anos de prisão, se apresta agora em Lisboa para regressar a Angola, o filme conta a história simples e linear de um militante negro do M.P.L.A. torturado e abatido pela máquina de repressão colonial, na década de 50. O escritor angolano, que procurámos, falou-nos da sua novela e de como a viu em termos cinematográficos.

II

Luandino Vieira

A NOVELA

José Luandino Vieira não necessita de apresentações. Autor, entre outras obras, da conhecida «LUANDA» ocupou há muito um lugar à parte na literatura angolana de expressão portuguesa. Duplamente reprimido como homem e escritor, o regime derrubado manteve-o preso uma dúzia de anos. Mas foi num período de relativa liberdade, de passagem por Lisboa em 1961, que Luandino Vieira escreveu «SAMBIZANGA» poucos dias antes de recolher novamente à prisão. Estava-se no início da revolução armada em Angola. E o tema central do livro, a prisão de um militante do movimento de libertação angolano e a sua incessante procura pela mulher, foi um facto de que teve conhecimento quando estava detido em Luanda em meados de 1959. «Sempre que estava no recreio da cadeia, diariamente, batia à porta uma mulher com uma criança ao colo perguntando pelo marido. Desviavam-na invariavelmente com a mesma resposta. «Se não está cá deve estar na esquadra. Se não está na esquadra está na administração. Se não está na administração está na judiciária. Se não está na judiciária está na casa de reclusão». Até que um dia lhe disseram brutalmente. «Se não o encontras e se não está cá é porque morreu». Nunca a mais vi a mulher. Quando fui posto em liberdade vim para Lisboa e estava aqui à espera de seguir para o estrangeiro. Era. Novembro. Chovia. Em casa veio-me à memória esse facto. Aquela mulher, o choro da criança, a sua voz, a procura, a insistência. Então a partir daí comecei a escrever a novela. Procurei fazer uma história que desse um levantamento sociológico das redes clandestinas do movimento de libertação. Era uma pretensão que, se calhar, não foi mesmo conseguida. Uma história de solidariedade paralela». Além da persistente procura pela parte da mulher desenvolve-se paralelamente uma solidariedade de tipo político. É uma das células do movimento que está também à procura do homem

que está preso. São outros camaradas que desesperadamente tentam averiguar o seu paradeiro, de saber quem é e que importância tem para a célula. Camaradas que procuram dominar a situação para continuar a agir. É portanto assente \no binómio mulher- rede clandestina que se desenvolve a acção.

A novela, escrita há 13 anos, circulou em minúsculas edições passadas de mão em mão. Foi só em 1971, na tradução francesa de Mário Pinto de Andrade, que esta obra teve uma verdadeira divulgação. Mas para o público português a grande oportunidade de a conhecer só agora se verificou com a recente edição.

O FILME

Foi quando Mário Pinto de Andrade traduzia a novela para francês que sua mulher Sara Maldoror, jovem realizadora, se apaixonou pelo tema e viu nele a hipótese de fazer um filme que mostrasse uma faceta da luta de libertação de Angola. Nasce assim a primeira longa- metragem angolana. «SAMBIZANGA», nome de muceque de Luanda.

Estreado em Paris, com favorável acolhimento sobretudo da colónia de emigrantes ,portugueses, passou por várias cidades da Europa antes de ser exibido em Nova Iorque. Uma certa novidade e o facto de ter sido oficialmente proibido pelo Governo Português originou uma excessiva expectativa. O público de Lisboa talvez pensasse ir encontrar uma obra-prima de sabor revolucionário. Mas a verdade é que Sara Maldoror pretendeu apenas fazer um trabalho honesto sem grandes voos de realização e cingindo-se estritamente à novela. Utilizando uma linguagem simples, «SAMBIZANGA» é um filme que se vê com agrado. «O filme tem que ser analisado por aquilo que é. En- v quadrado na cinematografia africana., corio primeira longa-metragem de Angola e filmado nas condições, em que foi filmado em Brazaville apenas com, amadores, militantes do movimento de libertação ou simples congolesees, o filme tem já um nível muito razoável. A Sara é uma realizadora que está a começar, foi a sua estreia na grande metragem. O seu talento de cineasta já se revelou noutros trabalhos. Já foi premiada em Argel com uma média metragem também sobre uma história minha («IALANGAMBE»). De início parece

Fm cima: o cartaz de «Sambizanga» num cinema de Lisboa

Ao lado: dois intérpretes do filme - ambos militantes do MY.L.A. e amadores - em plena acção

muito lento, as pessoas andam muito a pé. Isso choca um pouco o espectador europeu que está habituado para fazer cem metros a meter-se no «metro». Mas em África é assim. Talvez seja uma maneira ingénua de fazer cinema mas ela quis mostrar com essa lentidão inicial uma relativa felicidade. A felicidade dos pobres, -dos humilhados, dos explorados. Esse bocadinho de felicidade que é sair do trabalho e ao chegar a casa encontrar a mulher e os filhos. Mesmo isso 'era uma coisa muito frágil. Em qualquer momento chega o «jeep» da polícia. Levam-no, torturam-no e matam-no. Assim, sem mais nada. Portanto a parte final é um pouco fora do ritmo do início. Aqui dizem que a realizadora não soube manter o ritmo-do filme».

Antes da estreia a obra de Sara Maldoror trazia o «rótulo» de panfleto político do M.P.L.A. Isto esteve na base da sua proibição numa fase em que ainda se não tinha

processado o cessar-fogo oficialmente. Mas «SAMBIZANGA» não tem a pretensão de ser um filme de propaganda política. O filme foi feito apenas para contar uma história em que aparecem alguns elementos do sistema opressor colonial. A repressão e a tortura que exerciam as autoridades sobre o Povo Angolano.

A identificação do filme com o M.P.L.A. é apenas de ordem subjectiva. «O nome do M.P.L.A. nunca é citado. Mas a verdade é que quando se fala do movimento de libertação ele é o único com rede clandestina nessa altura. Depois existe o nível político dos militantes, o carácter nacional da luta e o aspecto popular (contínuos, alfaiates, pescadores, etc.). O não ser uma luta racial, tudo isso se identifica com o ideário do M.P. LA. Por isso as pessoas chegam a essa conclusão. «SAMMZANGA» não quer passar por outra coisa além dos termos em que está posto. É a vida de um militante a partir do momento em que é preso e vai resistindo à tortura. É a solidariedade que se gera à sua volta através da mulher e da rede clandestina. .afinal a pequenina lição de natureza política que se tira. Um homem que, torturado até à última, nunca denunciou e sobretudo alguém que é referido no filme como o «branco».

Quando perguntámos a Luandino Vieira se Sara Maldoror tinha sido fiel à novela respondeu-nos: «Sim, foi excessivamente fiel».

Segundo nos consta, «SAMBIZANGA» estará em breve em Moçambique,

seu

merece

,os Enossos

Toda a poupança, por pequena que s o s merece segurança total e máxima rentabilidade. AS SUAS ECONOMAS DEPOSITADAS AO PRAZO DE 1 ANO E 1 DIA. NO INSTITUTO DE CRÉDITO DE MOÇAMBIQUE, RENDEM 7X QUALQUER QUE SEJA O SEU MONTANTE ISENÇÃO TOTAL DE IMPOSTOS, GARANTIA DO ESTADO PARA CAPITAL E JUROS.

QNSTITUTO DE CREDITO

MOÇAMBIQUE

TRABALHO DE HOJE, MOÇAMBIQUE DE AMANHÃ 1

cii " ;

Alguém disse que «o jornalista é o que governa sem ser , governo; e o juiz sem lugar entre os magistrados; é o tribuno sem assento nos parlamentos; é, enfim, um suplemento aue a civilização deu às suas mesmas fórmulas imperfeitas de escolha e de organização social».

Claro, sabe-se, há muitas outras de finições, como esta de André Gide: «chamo jornalista tudo o que interessa menos amanhã do que hoje». Agora, no presente, - ir-se-á que o jornalista é, vamos lá, um técnico da informação. Nós acrescentaríamos: será um técnico, sim, mas terá, simultaneamente, de ser um

homem votado, de alma e coração, aos superiores interesses e empenhamentos da colectividade; queremos dizer, comprometido com -as necessidades do povo. Se não for este o seu procedimento, a sua «técnica» por mais apurada que seja, não poderá servir. Ele não cumprirá; o seu espflto estará fora da ,ética jornalística. Nesta circunstância, hoje-por-hoje, prestaria um mau serviço a Moçambique. Será oportuno perguntar: que pensa do jornalismo (e dos jornalistas) a maioria das pessoas? Naturalmente um pouco de tudo isto, e, até, de coisas bem diferentes.

Natural, uma vez

que nem todas hs pessoas têm'- a mesma perspectiva acerca de quais sejam, nesta altura, os superiores interesses da comunidade moçambicacana. Naturais ainda, por esta razão, algumas controvérsias quanto a linhas de actuação dos (ou de) jornalistas. De qualquer género de jornalismo.

Quanto escrevemos insere-se na constante preocupação que deve existir para servir, activamente, a Revolução Moçambicana que terá, pelos caminhos da Paz, da Ordem, e do Trabalho de formar uma nova sociedade de homens justos e companheiros em todas as stuações. Isto é, transformar toda uma sociedade injusta numa outra onde não haja lugar para a exploração do homem pelo homem. Admitimos que, chegados aqui, um leitor de acaso dirá: mas que tem a ver esta fraseologia com as coisas de desporto?

Pois é, mas o transformar uma sociedade exige a transformação do pensar (e até agir) de algumas pessoas; temos de criar uma nova mentalidade. Isto vai solicitar a mobilização de meios capazes,(e possíveis) de actuar junto das pessoas como ainda uma cuidada estratégia na acção a desenvolver. De entre aqueles meios, b da comunicação - oral e escrita

- ocupa lugar de topo; aqui o jornalismo desportivo tem de responder à chamada.

Por outras palavras, o jornalismo desportivo tem de assumir as suas responsabilidades neste momento histórico para o povo de Moçambique, em África. Um momento que também é histórico para o povo português. Mesmo para os povos livres do Mundo. Como ficar indiferente? Em nome e defesa de que razão? De que princípios?

É imperativo de consciência procurar a táctica adequada naquilo que se transmite ao público ledor, sendo que esta (táctica) não deve isolar o fenómeno desportivo do momento extraordinário que vivemos, das realidades que nos envolvem. Ora são estas razões que dão perfeito cabimento a «conversas deste tipo» no jornalismo desportivo (isto sem embargo das suas (nossas) naturais limitações de forma).

Não estamos em tempo de esconder situações que constituem problemas para o país a construir. Nem esconde-las nem subestimá-las. Isto seria não estarmos vigilantes. Todo o edifício desportivo oscila assustadoramente. Há perigo evidente. E o perigo existe e assumirá maiores propor-

MAIS UMA vil

0 PAPEL DA IMPRENSA (DESPORTIVA)

ções se nos esquecermos do momento que se vive. Se o desporto, e quantos o servem, se alhearem da Revolução em curso, estão votados ao fracasso, será o desmoronar de um edifício (que podia ser adaptado às exigências de hoje). 1

Nós pensamos que todos temos de nos compenetrar que, no desporto, alguma coisa terá de ser diferente. Diferente para melhor. Não será a carpir fados passados que vamos conseguir ,avançar. O processo irreversível da História não pode ser detido. Escrever sobre desporto, falar de desporto, defender o desporto, praticar o desporto, assistir a manifestações desportivas são hoje sob, diversas formas devem ser - actos políticos. Da política da Revolução Moçambicana. Alhearmo-nos desta realidade será trabalhar sem esperança. Sem finalidade. Admitimos muito bem da discor. dância que estas linhas podem suscitar nalguns espíritos. Aceitaremos a polémica. De qualquer modo a realidade está à vista: o desporto que era «um certo orgulho nosso» deteriora-se. Porquê? Porque ainda não começou a participar na Revolução Moçambicana. Que nos desculpem a insistência os discordantes, mas nós não vimos interesse num desporto inócuo. Daqui que a linguagem que o serve dever servir um desporto que (também) sirva a Revolução Moçambicana já claramente definida.

AGOSTINHO DE CAMPOS

1 A FIFA

João Havelange, presidente da Federação Internacional de Futebol, apresentou em Roma, durante os trabalhos da FIFA, um projecto de apoio aos filiados da FIFA, que são considerados subdesenvolvidos, em relação aos grandes do futebol mundial.

A primeira fase deste plano de ajuda, chamado «projecto U», estender4se-á a quatro anos e custará 4017000 dólares. Estas despesas, segundo Havelange, serão compensadas pelas reentradas que estão avaliadas em 9 000 000

EXEMPLOS PARA MEDITAR> QUE O IDEAL SERIA PRATICAR

Que o desporto tem de procurar novos caminhos já se sabe (será que todos assim o entendem e desejam?). Vamos dar aqui nota de duas notícias de Portugal que estão mesmo naquela linha - são portanto dois casos ,para 'meditarmos.

Foi criada, recentemente nas Caldas da Rainha uma comissão desportiva e cultural dos jogadores do Caldas Spor Clube, com os objectivos de efectívar, a nível distrital e regional, o fomento desportivo e cultural das massas. Para isso a comissão vai formar um núcleo, que aglutinará todas as pessoas interessadas por um «desporto base», motivando o povo no verdadeiro caminho desportivo para que todos podem lutar.

Será útil adiantar (desde já) que a citada comissão repudia todas e quaisquer formas de dirigismo: essa é a sua máxima.

Agora um outro caso. Este do norte de Portugal:

«Magnífica iniciativa do Leixões: obter o concurso de professores que (para já) estão a ajudar, na sede do clube, 11 jogadores que desejam prosseguir nos estudos de. molde a assegurarem o seu futuro além-futebol. Um caso: Frasco, a grande revelação do clube, pensa concluir, neste período de ensinamentos, o 5.o ano liceal, a que reprovava para seguir o futebol e as suas implicações profissionais»..

Temos aqui dois bons exemplos. Podemos pensar que algumas das nossas colectividades desportivas podem encontrar neles algumas' sugestões para iniciativas que'revigorem o desporto de Moçambique.

Dificuldades temo-las. Já se sabe. Falta de dinheiro. Mas restará saber se quanto se gasta (de bolsas particulares) é bem gasto. Bem sabemos que cada um, que pode, abre os cordões à bolsa para aquilo que melhor corresponda aos seus anseios. Certo. Mas não queremos que haja quem não acredite no encanto (e na necessidade) de efectivar o fomento desportivo e cultural das massas.

Abolição de prémios pecuniários aos praticantes (a alguns) de desporto, imoral (por ser discriminatória) podia ser um começo.

Abandonar Moçambique porquê e para quê? Infelizmente algumas pessoas sentiram ontem, na carne e na alma o porquê; sobre estas dores inclina-se respeitosamente o verdadeiro povo moçambicano. Mas a muitos outros - a maioria - poder-se-á mesmo perguntar: porquê e para quê. Quedemo-nos por aqui. Só quisemos pôr a questão. E por um motivo.

Muitos praticantes desportivos aos quais poderia ser posta a pergunta anunciam a sua abalada; alguns outros já foram. Isto tem dado azo a certas lamúrias. Naturalmente que é pena, mas não se poderá desejar mais do que boa viagem e boa sorte. Tudo o mais não adianta nem serve sequer um desporto que temos de criar. Que, etc. e tal, o golpe (no desporto actual) será rude. Pois será. Até poderá ser de morte. Mas que ninguém duvide, mais uma vez a «Phénix» renascerá das cinzas. Moçambique Novo terá um Desporto Novo. Que pena nem todos (quantos deviam) quererem. Pena as desistências.

Aproxima-se a ocasião das eleições para as directorias dos clubes. Foi sempre um «bico-de-obra». A partir de agora as massas associativas têm um campo mas vasto, para as suas opções. Restará saber se a falta de hábito em participar não terá ainda hoje a sua nefasta influência. É bem capaz disso, o que será pena, pois tal situação a verificar-se, mais uma vez significará perda de tempo. O que não é nada bom nesta altura. Que jamais foi virtude perder tempo.

1

WIOJCTA AUXILIARFILIA DOS SUBDSEINVOLVIDOS -

de dólares. para os 6 000 000 de espectadores previstos, sem contar com a ajuda do Comité Olímpico e a ajuda de numerosas indústrias que se interessam pelo projecto.

Este plano de trabalho entrará em vigor em Abril de 1975 e um relatório será apresentado no còngresso da FIFA em Maio de 1978, antes do lançamento do «projecto 2». Cento e cinco países, da Ásia, da África, da Oceania, da América Central e do Norte estarão abrangidos por este plano cujo objectivó

Das agencias noticiosas UPI e ANI: PARIS, 5 - «Gostaria de disputar um combate de desforra porque sinto que não perdi o título honestamente» - declarou o antigo campeão mundial dos' pesados, George Foreman, em conferência de Imprensa hoje dada em Paris.

«Entre as irregularidades apontadas por Foreman incluem-se a contagem, as cordas e a lona do «ring».

«Foreman sublinhou ir pedir formalmente que seja efectuado um inquérito, tanto pela Associação Mundial de Boxe (WBA) como pelo Conselho Mundial de Boxe <WBC>».

Um comentário apenas. Ninguém duvidará do combate-desforra. É turvo o mundo do pugilismo (bem sabemos que, neste caso, determinadas situações poder-se-ão inserir num dado contexto político-histórico. Mas nem esta (possível) situação justifica o pugilismo. Ele há outros meios. Meios mais coerentes.

Mas palavras não eram ditas e surge outra, notícia' nos jornais:

CHICAGO, 6 - Eu ainda vou pisar os ringes durante algum tempo, de clarou Muhammad Ali numa entrevista dada ao programa desportivo da' «American Broadcasting Corporation» anteontem à noite.

Que pensa acerca de quem será o seu próximo adversário? Perguntaram ao campeão do mundo dos «pesos-pesados».

«Negociações estão a ser feitas com George Foreman, Joe Frazier e alguns outros», respondeu Ali. «Mas qualquer que seja o adversário que eu escolher principal é tornar os países «subdesenvolvidos») mais competitivos nas próximas competições internacionais.

A este projecto também diz respeito a difusão técnica e científica. Este trabalho será efectuado por sete grupos ambulantes compreendendo cada um cinco elementos: um administrador, um guia técnico, um preparador físico, um médico e um árbitro. Quatro grupos ocupar-se-ão dos países anglófonos, dois dos países francófonos. Cada um destes grupos ocupar-se-á em média de quinze países,~ permanecendo. uma semana em cada país, trabalhando quatro horas.

Até aqui, as equipas desportivas apoiadas ou amparadas por empresas privadas ou estatais não têm gozado dos favores da simpatia do público, em geral. Punhamos agora de parte quaisquer considerandos quanto às razões ou sem-razões desta alergia desportiva, aliás, nem sempre fundamentada. Referimo-nos àquelas equipas participantes em provas federadas.

E de futuro como vai ser?

É bem natural que, reestruturada que seja a nossa engrenagem desportiva, venha a çaber à actividade desportiva das empresas um papel importante, mas não só, pois admitimos como natural o desempenho de papel muito importante no fomento da educação física e cultura das massas. Vão ter, cremos, os seus melhores tempos.

Ora digam lá se não há política no desporto:

LISBOA, 5 - Segundo notícias de Barcelona, o governo proibiu um hino à glória do célebre F. C. Barcelona, por causa da «tendência separatista» da sua letra.

Os autores e intérpretes do hino criado para comemorar o 75.º aniversário da fundação do Clube de Futebol Catalão, tiveram de escrever e gravar outra letra «absolutamente apolítica», que foi, então, aprovada pelas autoridades fascistas espanholas».

Não pomos em dúvida as boas intenções da FIFA. Julgamos porém que os filiados subdesenvolvidos terão, eles mesmo, que organizar os seus planos de acção para os quais são bem-vindos auxílios- pois com certeza - desde que não os enfeudem a interesses diferentes dos do país. Não nos esqueçamos que a FIFA defende a grande competição enquanto nos filiados subdesenvolvidos esta aparecê mais tarde (como resultado de um trabalho de fundo).,

Política há. E deve haver. Mas só política certa. Só política correcta. Só política de verdade. E esta não se encoritra no fascismo. Abaixo a política do fascismo onde jamais houve verdade, houve respeito pelo homem. No desporto sabe-se que foi assim.

Jornalismo e electrónica foi motivo para uma reunião em Paris que deu origem a esta noticia curiosa:

«A utilização da electrónica no tratamento da informação transformará radicalmente o trabalho do redactor do futuro. O lápis e o papel, até aqui indispensáveis companheiros do redactor, desaparecerão para dar lugar ao televisor catódico.

«Estes processos electrónicos e as suas incidências na profissão de redactor e do jornalista foram o tema dum simpósio que se realizou em Paris, organizado pelo «Instituto Internacional de Investigação da Técnica de Jornalismo», cuja sede é em Darmstadt, República Federal Alemã.

«Participaram nesta reunião mais de 150 peritos, em representação de jornais e agências europeias e norte-americanas. Os quais informaram sobre o aperfeiçoamento de uma técnica recente que permitirá aos jornais fazer face ao afluxo crescente de noticias, e pôr à disposição dos leitores um conjunto* de noticias cuidadosamente tratadas».

Não se vai entender, da noticia acima, que ao homem dos jornais seja dispensada a cabeça.

A. de C.

PLANO

DE OITO PONTOS

b Em Portugal, tendo em vista a elaboração de um projecto de desenvolvimento do desporto nacional, que vise a democratização da prática desportiva, a Direcção-Geral dos Desportos convidou um grupo de técnicos para proporem as soluções, mais adequadas à presente realidade nacional.

O plano terá de estar concretizado no prazo de dois meses e as comissões constituídas procurarão no projecto a apresentar, ir ao encontro das seguintes preocupações; 1- Promover uma prática imediata entre os escalões etários mais baixos, de todos os sectores sociais, definindo prioridades que se justificam pela análise da situação actual; 2- Propor soluções para os processos de formação de humanos que assegurem o apoio e as acções de desenvolvimento à escala nacional, 3- Aproveitar e, ampliar as estruturas materiais, instalações, anexos e apetrechamentos para uma objectivação de processo de desenvolvimento; 4 - Aplicar formas de sensibilização e dinamização adequadas à divulgação e prática da modalidade a nível regional;

5 - Sugerir as medidas indispensáveis de reformulação orgânica das federações de modo a contribuir para uma efectiva rentabilidade na orientação e apoio do desporto federado;

6 - Considerar o alargamento das funções, em apoio técnico-pedagógico e material, que são de atribuir à Direcção-Geral dos Desportos e estimular a acção das delegações como veículo de intervenção sócio-cultural;

7- Fomentar a pulverização de pequenos ~clubes e atribuir-lhes um papel fundamental como factores de desenvolvimento comunitário;

8- Propor a criação de novos organismos que garantam a descentralização, implícita num plano de desenvolvimento».

Não deixemos de estudar estes oito pontos para vermos quanto nos pode servir ou inspirar adequada adaptação ao meio moçambicano.

AUTOMOBILISMO

IX SAFARI DO ZAIRE

Dizem de Kinshasa que a Federação Zairota de Automobilismo anunciou que as sociedades Lufthansa, Maggaf, Data e Kin's tinham aceite patrocinar o «9.0 Safari do Zaire», que se realizará a 22, 23 e 24 de Novembro. Cerca de cinquenta pilotos estão já inscritos neste rali, precisa a agência AZAP.

OS LUCROS

DO "MUNDIAL" DE FUTEBOL

A organização do Campeonato do Mundo de Futebol de 1974 na Alemanha Federal, conseguiu 67 milhões de marcos, declarou Hermann Neuberger, presidente do Comité da organização.

A maior parte destas receitas provêm da venda dos bilhetes e 17,9 milhões de marcos da venda dos direitos de retransmissão, precisou Neuberger durante uma conferência de imprensa em Francoforte.

O resto provêm da publicidade, e da venda de recordações, mascotes e bilhetes de encontros amigáveis.

Segundo Neuberger, os custos montam a 17,2 milhões de marcos.

Acerca dos 50 milhões que restam, 65 por cento serão distribuídos pelos dezasseis países participantes, 25 por cento à Federação da Alemanha Ocidental de Futebol e 15 por cento à FIFA.

Temos assim que aquela prova foi dumjamente rendosa para a Alemanha Federal que também venceu a competição.

XADREZ

No «Torneio de Candidatos» ao título de campeão do mundo de xadrez, a disputar-se em Moscovo, entre os xadrezistas soviéticos Anatoly Karpov e Viktor Korchnoi, tem sido um acontecimento mundial no campo do xadrez. Dois mestres - grandes mestres.

Entretanto decorre em Alicante (Espanha) o tradicional torneio daquela cidade espanhola, no qual está presente o xadrezista português Joaquim Durão (bem conhecido em Moçambique onde já esteve). Num próximo torneio de Alicante poderemos ter representação já, que o xadrez em Moçambique tem os seus cultores. Oxalá, pois temos de procurar todas as formas (dignas) para projectar o nome do país lá fora.

1

lô Amiguinhos!

Mais um menino premiado no «atObola H.º 30 - o concorrente José Alberto Figueiredo (Caixa Postal, 374-LM). Este amiguinho pode passar pelas «Produções 1001 e ali levantar o prémio a que tem direito.

Tenho andado a ser muito «falhançoero» e pr isso é que tenho metido poucos golos. Como já afinei o pé, acautelem-se, porque para a semana os meus chutos não irão ser para brincadeiras,

Chauzinho e todos ao MATOBOLA H.' 31.

COMPANHIA INDUSTRIAL DA MATOLA, S.A.R.L.

Iý

1 2 3 4 5 6 7 8 10 11 12 13

--

--T

HORIZONTALAIS: 1- Nocociana; antiga moeda.usada em Leão e Castela e que teria passado a Portugal antes de 1607. 2- Chispa que salta do metal candente, quando se bate este; árvore que produz o estoraque: 3 - Lavagem da lã. 4 - Planta medicinal de raiz amarga e aromática, da fam. das compostas; charneca, gândara., 5-Categoria de judoca;, contracção da boca, dando-lhe um aspecto de riso forçado; o címbalo dos Turcos. 6- Moeda grega que valia outrora aprox. 3222 réis; aperto com nó ou laçada; primeira porção do intestino grosso. 7- Manifestação de afecto. 8Testículo (pop.); pronome pessoal; peça de madeira, em ângulo, e sobre cujo vértice assenta o pau-de-fileira. 9-Medida de Amesterdão para líquidos, cuja capacidade é de 151 124 litros; cada uma das celas que no mesmo ermo ocupavam vários anacoretas; romeiro de Meca. 10- Cavidade ornamental em arquitectura; duração duma figura musical (Mús.). 11 -Bruxedo maléfico. 12 - Dinheiro, bagalhoça (pop.); inchação pro.duzida por infiltração de serosidades no tecido celular. 13- Semente de Olmeiro; dialecto de Roma.

VERTICAIS: 1 - Poder dirigente (fig.); soldada, objecto dado em penhor (ant.). 2- Astató (s.q.); conforme à razão humana; advérbio de lugar. 3-Surra de pau (bras.); acariciam. 4 -Filho de Adão e Eva (Bíbl.); vão, cavidade; cavalo ou égua, ligeiro, de linhas finas. 5- Homem forte, arrojado e despótico (fig.); determinar a lotação de. 6 - Interj. designativa de afirmação; árvore da floresta escura (Benguela); plebe (fig.). 7- A Lua (poét.). 8- Nome científico do rato; atingir com golpe, na esgrima; forma antiga de fazer. 9 - Concorrente, competidor; sôfrego, cobiçoso. 10- Espécie deêbúzio; chá de erva-mate; bolor. 11 -Liga metálica de cobre e estanho; pixe espárida. 12- Medida itinerária do Japão (cerca de 4 km.); banquetee selvagem entre os negros da Africa Ocidental, que se compunha de carne de gente, de boi e de cabra; pref. grego que indica privação ou negação. 13- Pequena inchação na cabeça, -produzida por pancada (pop.); ave marítima.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.' 216

HORIZONTALAIS e VERTICAIS: 1- Nébride, Ran. 2- Iriado, deva. 3- Xênía, rodei. 4- SáZ (ZÂ S), cólera. 5- N, redil, abd. 6- El, seral, EE. 7- Fiã, armur, 0. 8- Engodo, sua. 9- Lerdo, abapo. 10iáíá, Ireneu. 11-Oro, brulote.

S21UàDM

FALTA DE AFECTA A

PÁGINA íO

PES REI

QOAL

LHA

DO

LIXO,

À esquerda: lixo nas ruas - um flagelo de L. Marques a que é preciso pôr fim urgentemente

Texto de LUIS DAVID

Fotos de RICARDO RANGEL

Cerca de quatro meses após a greve reivindicativa do pessoal encarregado da limpeza da capital, a recolha de lixo esta ainda longe de ser um serviço normalizado. O problema reside, ao que parece, não na falta de pessoal mas na falta de verba para contratar o número de trabalhadores necessários a recolha de cerca de 250 toneladas de lixo por dia. Mas há maneiras imediatas de resolver, colectivamente, o problema: na verdade, e como diz o povo grabe, «a rua ficar-se-á se cada um varrer à frente de sua casa»...

PAGINA 51

Embora desde há longo tempo Lourenço Marques tenha deixado de ser considerada como uma cidade exemplarmente limpa, a verdade é que o problema da recolha do lixo se tornou mais agudo nos últimos quatro meses. Hoje, é frequente verem-se nas mais diversas artérias, caixotes e baldes, quando não o lixo entomado em passeios e terrenos baldios, dias seguidos sem ser recolhido. Isto, no que se refere apenas à recolha de lixo domésticos e sem falar já na varredura das ruas que cada vez é feita mais esporadicamente.

Como já referirhos, a situação agravou-se desde há cerca de quatro meses a esta parte, ou seja a partir do momento em que os chamados «homens do lixo» fizeram uma greve reivindicando melhoria de salários. Como as condições pedidas não tivessem sido satisfeitas, cerca de 600 dos mil trabalhadores dos Serviços de Salubridade da Câmara Municipal de Lourenço Marques abandonaram o serviço e regressaram -a suas terras, nas regiões de Inharrime e Zavala, como na ocasião noticiámos.

Oramento

não comporta a despesa

Após a saída dos 600 trabalhadores, a Câmara Municipal viria a recrutar novo pessoal, principalmente entre os desempregados existentes na zona de Lourenço Marques. Porém, o quadro não viria a ser totalmente recompletado até ao presente momento, de acordo com o que conseguimos apurar, por o orçamento, após os aumentos verificados, ainda antes da greve, não comportar a despesa. Contudo, e segundo o mesmo informador, a Câmara está a tentar normalizar a situação com o pessoal entretanto contratando, embora tenham surgido algumas dificuldades, que os Serviços respectivos têm procurado tornar.

Ainda de acordo com a informação que nos foi prestada pelo chefe da Secção dos Serviços de Salubridade, neste momento o efectivo de trabalhadores encarregados da limpeza é de 700, enquanto anteriormente a que o número rondava os -mil. O facto de o orçamento não permitir que seja contratado maior número de trabalhadores, estamos em crer, poderá em breve ser resolvido, dado a Câmara ter

lançado recentemente uma taxa sobre todos os municípios, taxa essa referente à recolha dos lixos domésticos.

Zona prioritária

A recolha e a eliminação dos lixos urbanos é hoje um

JICIPE

problema em qualquer grande cidade. Diversas têm sido as soluções postas em prática nas grandes capitais, principalmente no que se refere a processos de eliminação dos lixos, pelo perigo que estes representam para a saúde pública.

Mas, não menos perigosa, poderá ser a falta da recolha diária, dado propiciar o aparecimento de moscas e baratas, além de ratos.

A acumulação de lixos pode assim facilitar o aparecimento de algumas doenças infecto-contagiosas, o que não terá sucedido, até ao momento, na capital, segundo informação que nos foi prestada pelo Delegado de Saúde de Lourenço Marques. Lixos provenientes da limpeza de quintais e lixos domésticos transformam passeios em verdadeiras montureiras. Queimas destes lixos não é a melhor solução (ou a solução que gostaríamos de ver posta em prática), mas evita perigos maiores

ORÇAMENTO CAMARÁRIO NÃO

Ainda segundo a informação que nos foi prestada pelos respectivos serviços camarários, embora esteja a ser tentada a normalização da recolha de lixos em toda a cidade, a zona dos subúrbios foi considerada como prioritária, principalmente no que se refere à remoção dos baldes de dejectos. De facto, numa rápida ronda por algumas zonas dos subúrbios, tivemos oportunidade de verificar que a situação ali se apresenta menos grave do que no centro da cidade, embora não possa, de forma alguma, ser descurada.

De qualquer forma e em termos de saúde pública, a falta de recolha diária dos lixos é situação que não poderá manter-se, sob pena de corrermos graves riscos. É natural que os novos responsáveis pelo Município da capital ainda não tenham tido tempo de tomar contacto com os mais prementes problemas da cidade, dado terem sido

empossados há poucos dias. Contudo, a remoção dos lixos é uma questão que não pode ser retardada e que pede medidas de forma a que possa ser resolvida definitivamente.

Contributo da população e contratação de pessoal

Lixo espalhado por ruas e passeios, latas e baldes com lixo que os animais entornam facilmente, lixo despejado em terrenos baldios. Tudo isto é feio e porco,, além de representar um perigo para a saúde de todo o cidadão. É facto que na maioria dos casos o lixo não pode ser guardado em casa mais de um dia e que compete à Câmara Municipal proceder à sua remoção. Contudo, e numa situação de emergência, como a que estamos a trevessar, o mal pode ser grandemente atenuado com um pouco mais de cuidado e de colaboração, por parte do cidadão. Não será difícil ao município, neste caso, colaborar para que a cidade se apresente menos suja, evitando perigos que a todos podem atingir. Para tanto, basta colocar o lixo dentro de sacos de plástico ou de papel, ou em recipientes que não sejam facilmente entornados pelos animais; colocar esses recipientes ou sacos

na rua, apenas ao princípio da noite e não de manhã, como tantas vezes sucede. Pior 'ainda, será despejar o lixo junto às árvores existentes ao longo das avenidas ou em terrenos baldios, pelos perigos já apontados. Outra solução, será queimar ou enterrar os lixos, onde existam espaços que permitam tal operação. O problema da recolha dos lixos, não se apresenta fácil 'de resolver num espaço - de poucos diãs sem a colaboração de todos, sem que todo o cidadão compreenda que aquilo que se lhe pede não é -mais do que aquilo que ele devia sentir como um dever: não sujar (ou colaborar na limpeza, até) ruas e avenidas, espaços que são do domínio público, isto é que são de todo o povo. Ainda no que se refere aos trabalhadores encarregados da limpeza da cidade, outra questão se levanta. Até há pouco tempo o pessoal para este serviço era contratado em locais distantes da capital, por os residentes em Lourenço Marques não se mostrarem interessados em fazer este género de trabalho. Aconteceu, porém, que aquando da greve de há quatro meses apareceram alguns voluntários, que acabaram por ser contratados, pois já nessa altura a crise de emprego era um facto. No presente momento, caso a Câmara Municipal venha a aumentar os seus efectivos, o que parece lógico que aconteça, não se encontra motivo para que voltem a ser recrutados trabalhadores em locais

PAGINA 55

Ao lado. garrafas vazias deitadas para um terreno vago, junto à via pública- um perigo que a consciência do cidadão pode e tem a obrigação de evitar

IMPORTA MAIS TRABALHADORES

distantes, quando é facto que existem desempregados «dentro de portas». Por outro lado ainda, é necessário que todo o trabalhador se capacite que não há trabalhos mais ou menos dignificantes, pois todo o género de trabalho dignifica o homem e este só se pode elevar pelo seu trabalho. É preciso, sobretudo, que o trabalhador encarregado da limpeza da cidade se capacite que o seu trabalho é tão digno como o do mecânico ou do empregado de escritório pois o trabalho de ambos é importante para a sociedade e todos os géneros de trabalhos terão de ser executados para o equilíbrio e bem-estar, dentro dessa mesma sociedade.

Est~ de tratamento

uma solução a encarar

Um problema de todas as grandes cidades, em todos os países, é precisamente o de se desfazerem dos lixos urbanos. Várias são as soluções adoptadas em diversos pontos, desde os aterros, sanitários até às estações de tratamento e de transformação, que transformam os lixos em matérias úteis. Em Lourenço Marques, quando se verificou a necessidade imperiosa de retirar a lixeira da Avenida Craveiro Lopes, várias foram as soluções estudadas até se verificar a opção pelo sistema de aterros sanitários, processo que começou a ser feito na zona de Benfica. Porém, este sistema, se pode ser considerado como satisfatório, ou mesmo bom, do ponto de vista de saúde pública, quando executado de acordo com as normas aconselhadas pelos sanitaristas, o mesmo já não acontece quando em vez de aterros sanitários se volta ao antigo processo de lixeira des-

coberta. Esta a situação actual e que necessita igualmente de ser devidamente encarada.

Pode ainda referir-se que, em tempos, se chegou a admitir a hipótese de instalar uma estação de tratamento de lixo em Lourenço Marques. Porém, o projecto parece ter sido abandonado devido ao seu elevado custo e receando-se que, num futuro próximo, não houvesse em Moçambique mercado para o composto orgânico produzido por essa estação. A situação actual apresenta-se bastante diferente e aquele receio deixou de ter qualquer fundamento pois a venda do composto orgânico produzido por uma estação de tratamento de lixos é, normalmente, suficiente para amortizar o investimento num relativo curto espaço de tempo, além de cobrir as despesas hoje efectuadas, sem qualquer contrapartida, com a limpeza da cidade.

A médio prazo, esta deverá ser uma solução que a Câmara Municipal terá de encarar, dado que o processo presentemente a ser executado tende a tornar-se cada vez mais dispendioso e ineficiente, à medida que a capital for crescendo, o nível de vida da população aumentando e o volume de lixos subindo. Convém ter em conta, ainda, que o local onde actualmente funciona a lixeira ficará completamente saturado dentro de um número de anos relativamente curto, motivo por que antes que tal suceda deve ser encontrada uma solução que evite qualquer perigo para a população.

PÁGINA 56

Texto

de ALBINO MAGAIA

Fotos

de RICARDO RANGEL

Desde o dia 11 de Novembro voar num «Boeing» 37 a dez quilómetros de altitude e a uma velocidade de oitocentos e quarenta quilómetros horários e um acontecimento que se repetirá uma vez por semana ligando Lourenço Marques a Dar-Es-Salam enquanto que uma vez por semana também um avião da companhia «East Africa Airways» voará em sentido contrário.

Nesse dia algo de especial se passou. Foi largamente noticiado pela imprensa e rádio: era a primeira vez que um avião com matrícula moçambicana fazia carreira a rasgar os céus e, indo para além do Rovuma, aterrou no aeroporto internacional de Dar-Es-Salam.

Orientava o «Boeing», baptizado com o nome «Moçambique», o comandante Luis Branco, veterano bem calejado nestas andanças aéreas. Dos velhos bimotores aos jactos de duas turbinas, pegou em tudo.

PÁGINA 58

MOÇAMBIQUE DE PORTAS ABERTAS

-PARA

A ÁFRICA

E* cima: o camarada Vice-Presidente, Marcelino dos Santos, num momento de alegria, abraça Armando Guebuza, camarada Ministro da Administração Interna Na página ao lado: o «Boeing» da DETA à chegada a Dar-Es-Salam. A amizade entre Moçambique, Tanzânia e Portugal fez com que a bandeira portuguesa, na fuselagem do avião, entrasse em território tanzaniano sem causar escândalo nem indignação

Lá em cima, a bordo do avião, enquanto de minuto a minuto Dar-Es-Salam se tornava mais próxima, camaradagem foi nota dominante. Conversou-se, cantou-se, fizeram-se apresentações pois não eram todos de Lourenço Marques porque houve na

embaixada jornalistas e camaradas da Beira e mesmo os que partiram da primeira cidade nem todos se conheciam: profissionais da informação, militantes.

Presentes também os camaradas Óscar Monteiro, Ministro da Informação, e Armando Guebuza, Ministro da Administração Interna.

E com o «Boeýng» a voar mais alto do que as núvens, transformadas em curiosos campos de algodão, vimos os rios como se fossem estradas mal feitas, as estradas como se fossem caminhos bem feitos, as árvores como erva ras-

mlw -'

*

teira. E pensámos no homem que faz estas máquinas maravilhosas que voam e aproximam povos, o mesmo homem que agora faz revoluções como aquela que se vive em Moçambique. E ficamos maravilhados...

ONDE A ALEGRIA NÃO TEM ADJECTIVO

O coração pode encher a boca até a boca não conseguir falar. Foi o que aconteceu na nossa chegada a Dar.' A pista de aterragem é mais comprida do que as pistas de Lourenço Marques e Beira. A sinalização pareceu-nos melhor também. O avião, perdida toda a agilidade, aproximou-se da placa de, estacionamento e as portas abriram-se. Uma multidão de moçambicanos abraçou - nos. Moçambicanos irmãos que só não estão no

exílio porque, de facto, o povo tanzaniano é povo do mesmo ventre que nós. Povo irmão. Um pouco mais que isso até: o mesmo cordão umbilical une-o ao povo moçambicano.

Como curiosidade diremos que foi mais fácil desembarcar em Dar do que embarcar em Lourenço Marques ou na Beira. Enquanto que à partida aquela burocracia formal que qualquer pessoa que já viajou de avião conhece não nos deixou escapar, na chegada a Dar-Es-Salam nenhuma formalidade nos foi exigida e os funcionários do aeroporto, misturados com os moçambicanos que iios esperavam, desejaram-nos as boas-vindas com apertos de mão, acenos, etc., dando uma pausa aos carimbos e às esferográficas. Maravilhoso isto de entrar num pas e não nos exigirem passaportes, salvo-condutos, vacinas e sei lá que mais.

ONDE AS SURPRESAS NÃO PARAM

À nossa espera o camarada Vice-Presidente Marcelino dos Santos, muito jovial, muito simples. Os jornalistas tanzanianos quiseram fazer perguntas e o camarada Armando Guebuza e Óscar Monteiro deram conferência de imprensa. Ainda estávamos numa das salas do aeroporto onde as pessoas se apinhavam com os

olhos grandes do tamanho de uma curiosidade que procura descobrir caras familiares. Há tantas! «Tu aqui?» Sim, depois de longo tempo.... «Já não me conheces?» Mudaste, pois a luta tornou-te tão diferente....

Foi belo.

Depois, já no Instituto Moçambicano, aquela coisa de o coração tapar a boca e a boca não conseguir falar voltou a acontecer, exactamente-

pelas mesmas razões do primeiro encontro com os camaradas que estão em Dar. A recordação que ficou mais gravada da nossa passagem pelo Instituto foi a cerimónia sem cerimónias em que o camarada Presidente Samora Machel falou aos visitantes e aos jornalistas. É que tudo o que já foi escrito a propósito de Samora Machel fica ainda muito aquém da realidade.

Apareceu como um relâmpago e antes de a gente ter tempo de ver se é alto ou baixo, magro ou forte, já ele estava a falar connosco, um por um. Tem uma palavra a dizer a cada pessoa, E o jornalista, habituado a fazer perguntas, vira entrevistado pois Samora Machel pergunta, por exemplo: «O-que é que vocês .pensam da situação em Angola?» Às questões postas pelos jornalistas respondeu com seriedade mas com uma vivacidade e sen-.

A SE PODE VOAR -PARA ALÉM DO NUM AVIAO MOÇAMBICANO
tido de humor tal que ninguém resistiu: todo o mundo riu.

DAR-ES-SALAM

O aeroporto de Dar fica a cerca de quinze quilómetros da cidade. Porém, todo o percurso da estrada está cheio de obras: zona industrial primeiro, zona residencial logo a seguir, aqui e além uma instituição como por exemplo igreja católica ou protestante. Esta foi outra surpresa

para nós. Tínhamo-nos habituado a pensar em Dar como uma cidade de maometanos. A actual capital da Tanzânia é uma cidade grande em superfície mas não tem prédios muito altos. Está implantada numa planície à beira-mar. O porto, um dos melhores da costa oriental africana, tem grande movimento de barcos. O governo tanzaniano já projectou, e está quase a executar, a mudança de Dar como capital. A nova capital

ficará no interior, a cerca de duas horas de voo, e chama-se Dodoma. A mudança foi determinada pelos mesmos motivos que fizeram os brasileiros mudarem a capital do Brasil para Brasília em detrimento do Rio de Janeiro: 'levar o progresso ao interior, ao campo. Em nove anos de independência já não existe praticamente nenhuma casa de caniço nos subúrbios e arredores de Dar-Es-Salam. As casas, grandes ou pequenas,

modestas ou vistosas, são todas de blocos. Mais: o governo está presentemente empenhado numa campanha de habitação. Há prédios de três a quatro andares, construídos em série, que estão sendo alugados ao povo. Na Tanzânia a única entidade que aluga casas é. o governo. Mais ninguém pode construir casas para alugar. Deste modo as rendas, além de serem muito baixas, não dão lugar a especulações de espécie nenhuma.

Em cima: interior do «Boeing» «Moçambique».

Foto tirada em pleno voo

Ao lado: no Instituto Moçambicano, Samora Machel conversa com jornalistas moçambicanos

ROVUMA

A sede do partido TANU continua a mesma dos tempos da luta pela independência. Ao lado do edifício está um prédio de dois ou três andares que vai ser a sede provincial do partido. Está-se fazendo uma quotização popular para construir em Dodoma a sede central.

Outra nota curiosa em Dar-Es-Salam é que aquando da independência não havia nenhuma fábrica na cidade nem em nenhum outro ponto do país. Isto parece fábula

mas é verdade. Pois agora há fábricas na Tanzânia, algumas das quais situadas em Dar.

A terminal da linha férrea «Tanzan», que liga a Tanzânia à Zâmbia, é um monumento de edifício. Digna terminal para uma linha que é conhecida também pelo nome de «Hurru»: Liberdade.

AOS ESPECULADORES

Voltando atrás, situemo-nos de novo no Instituto Moçambicano. O edifício merece esse nome. Crianças de três ou quatro anos falam em pirtuwuês. Rapazes e raparigas, todos com aspecto saudável, olham-nos com curiosidade, cumprimentam-nos. Camiões «Mercedes», alguns carregados, outros não, encontram-se estacionados num grande pátio. São propriedade da Frelimo e disseram-nos que quando estão todos os camiões estacionados o pátio 'torna-se pemenn.

Aos especuladores que têm andado por aqui a incomodarem - nos os ouvidos falando de dissidências entre Samora e Marcelino dos Santos queremos aqui dizer uma coisa: esqueçam! - Não há dissidências nenhuma entre dois homens que brincam um com o outro como nós vimos, e são capazes de andar de mãos dadas como vimos ainda. Há uma coisa que impressiona profundamente qualquer pessoa que convive pouco tempo que seja com os camaradas que estão na Tanzânia. É que é difícil encontrar tanta gente simples logo de uma só vez. São tão simples no trato, no modo de falar, no modo de vestir e tudo isto nota-se quer no camarada Sariora Machel quer no camarada Marcelino dos Santos.

Boa lição para, nós, ainda eivados até à ponta dos cabelos de pequenos burgueses...

MOÇAMBIQUE ABRE-SE A AFRICA

,Com a inauguração das ligações aéreas entre Moçambique e Dar-Es-Salam, o nosso

país aos poucos está-se abrindo aos povos irmãos de África. Um ano atrás era mais fácil chegar a Londres do que a Lusaca ou a Dar-Es-Salam, que ficam a cerca de três horas de voo num «Boeing».

O intercâmbio cultural com os países africanos, de entre os quais a Tanzânia merece prioridade, não poderá ser feito se não houver comunicação entre nós e os países irmãos. O primeiro grande passo para esse intercâmbio foi dado com a inauguração da linha aérea efectuada no dia 11 de Novembro.

Somos um país africano que estava -perdido para a

-África. Não podemos deixar de ficar sensibilizados quando as asas de Moçambique começam -a voar em busca- da mãe - terra. Assim, voando para cada vez mais longe um dia iremos à busca de Argel lá no outro extremo do continente.

Bendita a VitSria!

]PAGINA 02 .

1

Despertou grande interesse um excelente documentário cinematográfico exibido recentemente em Lourenço Marques e na Beira, através do qual a população teve oportunidade de «descobrir» como se trabalha numa das mais importantes indústrias locais -a «Morfeu», fábrica de colchões, e mobiliário. O interesse do documentário foi, efectivamente, o de se ter tido a oportunidade de reconhecer que, afinal, a vida em Moçambique prossegue, e a bom ritmo, em diversos sectores da sua actividade económica.

Na «Morfeu», os cerca de 400 trabalhadores da fábrica organizam, conjuntamente com a direcção da empresa, uma frente comum que representa a garantia do prosseguimento cada vez mais seguro da acção de reconstrução, num empenhamento redobrado de esforços, em prol do futuro do nosso País. E esta é, sem dúvida, uma das empresas que interessa proteger, pela dupla razão de ser uma firma cem por cento moçambicana e trabalhar quase inteiramente com matéria-prima local e também porque se trata de uma indústria que emprega muita mão-de-obra.

A curiosidade que o documentário sobre a fábrica nos despertou, levou-nos a ir visitar as suas instalações, localizadas na avenida de Angola, onde uma fachada pouco expressiva esconde um mundo impressionante de trabalho que merece ser divulgado.

A impressão com que se fica da visita à «Morfeu», é de que quando se sabe que o novo governo popular de Moçambique procura reestruturar o nosso parque industrial, para que ele

PÁGINA

EXEMPLO RECONFORTANTE INDUSTRIA DE COLCHOES E
MOBILIÁRIO EM TEMPO
DE TRABALHO PRODUTIVO

Fachada das instalações da Fábrica de Colchões, Lda. - «Mor>feu», em Lourenço Marques,

serva os verdadeiros interesses do povo, muita coisa se encontrava já dentro dos moldes que se pretendem alcançar. Com efeito, esta unidade industrial há muito que serve os verdadeiros interesses da terra, valorizando através da fabricação de colchões e mobiliário, as fibras têxteis e madeiras de Moçambique, cujo aproveitamento tem de ser feito por nós próprios.

É isso o que efectivamente se realiza, com a integração de mão-de-obra quase inteiramente moçambicana nas tarefas especializadas, em cada um dos sectores da fábrica em que se integram as secções de marcenaria, estofaria, fabrico de

colchões, serralharia artística e industrial, marcenaria, pintura e pintura artística, desfibra e acabamentos.

O sector fabril é apoiado por um gabinete técnico de arquitectura e desenho, que funciona especialmente para o sector de mo-

biliário, criando e pesquisando novos e revolucionários modelos, havendo também um gabinete de produção que representa uma extensão do trabalho de gestão. Nos quase 12 mil metros quadrados das instalações, que brevemente, e numa prova de confiança, deverão ser aumentados em mais 4000 metros quadrados, encontra-se equipamento no valor superior a 8000 contos, que se podem somar aos cerca de 14200 contos investidos nas instalações.

Por enquanto, a produção da fábrica- que orça os 30 mil contos anuais -representa apenas 50 por cento da sua capacidade efectiva, a qual se encaminha na sua quase totalidade para a satisfação das necessidades do mercado interno.

Mas crê-se que numa-próxima fase, quando forem vencidas algumas dificuldades, a «Morfeu» possa concorrer nos mercados externos, cuja receptividade já foi demonstrada pelo interesse que revelaram alguns dos países vizinhos pelo mobiliário e colchões da empresa. Apenas para curiosidade, é justo salientar que a empresa instituiu um Grupo Desportivo e Social destinado a todo o pessoal, o qual tem a funcionar um bar e refeitórios, além de um bem apetrechado posto médico com enfermeiro privativo e médico avençado.

E a colaborar na consciencialização e defesa dos interesses de todos" também lá está em actividade o Comité Político da empresa, que reúne regularmente para debater aspectos de muio. interesse para a vida da firma.

Este é, sem dúvida, um dos grandes exemplos da indústria moçambicana, para a qual deve haver uma palavra de ordem: não pode parar!

Moçambique é, e será, por algum tempo, um país de recursos essencialmente agrícolas. A situação da agricultura moçambicana não é, porém, brilhante, neste momento em que se arruma a casa para a independência; mas, em boa verdade, nunca o foi.

Antes da colonização, a agricultura praticada pelas populações moçambicanas destinava-se apenas à subsistência dessas mesmas populações, no quadro de uma economia fechada em que cada família, ou cada grupo social restrito, se bastava a si próprio, ou quase. A posse da terra não era um factor de prestígio, nem sequer de fixação à mesma terra: na maioria dos casos, a terra cultivada pelos elementos de um determinado grupo social pertencia, em teoria, ao rei ou chefe do mesmo grupo-mas, na prática, esse rei ou chefe não podia dispor dela (nem teria, geralmente, qualquer interesse nisso) e a terra era usufruída restritamente por aqueles que a trabalhavam. O principal factor de prestígio social e de riqueza era a posse de cabeças de gado, em toda a vasta área cultural em que Moçambique se insere. Quanto às trocas comerciais, tinham essencialmente por objectos ou os escravos ou o próprio gado, que eram trocados, na maior parte dos casos por produtos manufactura. dos importados do 'exterior, através dos comerciantes árabes ou portugueses, numa fase anterior à da colonização propriamente dita. A terra, aliás, era abundante e chegava bem para as necessidades de todos, permitindo a prática de uma agricultura itinerante, ou quase, onde o problema

da posse da terra não chegava sequer a pôr-se, pois o solo não estava ligado ao conceito de propriedade privada: uma família cultivava aqui neste ano, no ano seguinte cultivaria um terreno mais além, no outro ano mais adiante ainda, e só ao fim de alguns anos voltaria ao mesmo terreno, afastando-se assim o perigo de esgotamento dos solos. Os produtos que então se extraíam da terra eram, portanto, aqueles que serviam directamente para a alimentação das populações.

A colonização veio alterar por completo este estado de coisas. Entregando enormes áreas cultiváveis a grandes companhias concessionárias ou a simples colonos europeus, o Estado português vibrou um golpe mortal na pequena agricultura de subsistência que até então se praticava. Por um lado, privou as populações do livre cultivo da terra, que até aí sempre haviam usufruído. Por outro lado, submetendo as mesmas populações ao pagamento de impostos (ao mesmo tempo que lhes tirava os meios de subsistência), obrigava-as ao assalariamento a soldo das grandes companhias latifundiárias ou dos colonos- isto quando não as obrigava, pura e simplesmente, ao trabalho forçado, o que foi a regra mais geral durante muito tempo.

Uma das consequências imediatas desta política foi o decréscimo assustador da produção de alimentos, em favor de um grande aumento dos produtos destinados a exportar para a Metrópole através das grandes companhias. Este fenómeno verificou-se, aliás, em todas as colónias europeias em África, mas em nenhuma foi tão acentuado como nas portuguesas.

Em resumo, o que se passou foi que a tradicional agricultura de subsistência, que correspondia ao grau de desenvolvimento da sociedade moçambicana da altura, foi substituída artificialmente, sem chegar a desenvolver-se, por uma agricultura visando essencialmente a exportação e explorada pelas grandes companhias ou pelos colonos, o que reduziu as populações rurais à miséria e à fome. Esta situação foi, em gran-

de parte, responsável pelo êxodo dessas populações para as cidades, que se verificou, a partir de determinada época. Como a criação de postos de emprego, nas cidades, nunca acompanhou o ritmo desse êxodo, surgiram, nas cinturões suburbanos, as grandes multidões de desempregados e subempregados que são uma constante de todas as cidades coloniais, ajudando a manter o mais baixo possível o nível dos salários da mão-de-obra industrial. Hoje, Moçambique está a um passo da independência. O povo conquistou o poder, após dez anos de luta armada, e encontra-se no caminho seguro para se libertar de todas as sequelas do colonialismo, para dismantelar por completo o sistema que o oprimiu e explorou durante dezenas e dezenas de anos. Esse caminho passa, inevitavelmente, pela agricultura: uma agricultura que agora será virada totalmente para as necessidades do povo e completada por uma indústria que satisfaça as mesmas necessidades.

É, pois, o momento de se inverter o sentido do êxodo. Todos aqueles que não encontraram na cidade uma ocupação produtiva terão a partir de agora, nos campos de onde vieram, excelentes oportunidades de trabalhar para si próprios, para as suas famílias, para o povo a que pertencem. Porque aí, nunca mais serão forçados a trabalhar para grandes companhias por salários de fome, nunca mais terão de cultivar aquilo que os administradores lhes mandarem com os olhos postos nos interesses dessas mesmas companhias.

No Moçambique novo que agora se começa a construir, a agricultura será uma actividade digna e compensadora. E do seu desenvolvimento dependerá, em grande parte, a riqueza do país, o bem-estar do povo moçambicano.

JOSÉ CATORZE

,ao-

um

bem danatureza

MONTEMOR

RONTEMON